

O Anjo Fatal

Juarez Poletto



EDUTFPR

O Anjo Fatal



UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

Reitor Marcos Flávio de Oliveira Schiefler Filho
Vice-Reitor Heron Oliveira dos Santos Lima



EDITORA DA UTFPR

Coordenadora-Geral Eunice Liu
Coordenador-Adjunto Edson Domingos Fagundes

CONSELHO EDITORIAL

Titulares Anaís Andrea Neis de Oliveira
Anna Silvia Penteadó Setti da Rocha
Antonio Gonçalves de Oliveira
Aruanã Antonio dos Passos
Marcelo Gonçalves Trentin
Maria Helene Giovanetti Canteri
Roberto Cesar Betini
Sara Tatiana Moreira
Sidemar Presotto Nunes
Wellington Ricardo Fioruci

Suplentes Anna Luiza Metidieri Cruz Malthez
Carina Merkle Lingnau
Ivo de Lourenço Junior
Janaina Piana
Jézili Dias
Luciana Rocha Hirsch
Luiz Renato Martins da Rocha
Marcelo Fernando de Lima
Mariane Kempka
Pedro Valério Dutra de Moraes

As opiniões e os conteúdos expressos neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não refletem, necessariamente, a opinião do corpo editorial.



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

O Anjo Fatal

Juarez Poletto

4ª edição

ED**UT**FPR

2021

© 2021 Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná



CC BY-NC-ND

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons - AtribuiçãoNãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Esta licença permite o download e o compartilhamento da obra desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es), sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

P765 Poletto, Juarez.
O anjo fatal [recurso eletrônico] / Juarez Poletto. – 4. ed. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 164 páginas). – Curitiba : EDUTFPR, 2021.

Modo de acesso: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/>
ISBN 978-65-88596-71-5

1. Ficção brasileira. 2. Mistério. 3. Jovens - Conduta. I. Título.

CDD (22. ed) 869.3

Bibliotecária: Tatiana Campos da Hora CRB-9/1854

Design Eunice Liu
Amanda Duarte Ross

Capa Haruka Ozawa
Amanda Duarte Ross

Ilustrações Haruka Ozawa

Revisão Amanda Carolina Cordeiro

Normalização Ana Flávia Lorena de Carvalho

EDUTFPR

Editora da Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Av. Sete de Setembro, 3165
80230-901 Curitiba PR
www.utfpr.edu.br/editora
[@edutfpr](https://twitter.com/edutfpr)

*Em gratidão às leituras juvenis de
Maurice Leblanc, Arthur Conan Doyle, Agatha Christie.*



Pelo lado de dentro 10

Tensões 24

Mistério 30

Sem saída 38

O testamento 44

Desconfianças 48

Na maternidade 56

A sala de segurança 64

O sonho acabou 68

Dinheiro 72

Através da cortina 80

Férias 88

Receios 106

Descoberta 112

A polícia volta à cena 118

As fotos 126

As setas do cupido 130

A água turva-se

novamente 138

Suicídio 146

Livre 150

Golpe perfeito 154

Epílogo 160

The background is a vibrant red with a fine, pebbled texture. Three white feathers are scattered across the upper half of the image. One feather is positioned in the upper right, another in the middle left, and a third on the right edge, partially cut off.

**Pelo lado
de dentro**

Mariana não me tem dado sossego desde que ficou noiva.

Agora esse despropósito: festa de maioridade. Como se ela já não fizesse apenas suas vontades. E esse noivinho aproveitador. Bem que eu gostaria que ela escolhesse alguém melhor. Logo um descendente de italianos! Marcelo. Ele fica mesmo entre o mar e o céu: não se sabe se é onda ou nuvem, espuma ou vento. O olhar parece franco, mas as mãos desmentem, sempre rápidas, ágeis e leves.

Inácio. Que diabo vem fazer nesta festa? Instrutor de hipismo, deve cheirar a cavalo. Mas há algo de que gosto nesse baixinho. Calmo, pensa antes de falar, não diz asneira. Heloísa falava com os olhos. O que pensaria ela? Nunca disse palavra perdida. Uma essência simples que transfigurava o complexo em comum. Poxa! Por que me veio essa lembrança?

Como minha filha pôde gostar de um indivíduo sem sal e sem tempero algum como esse arremedo de homem? Ele se esforça para parecer natural. Veja só que gesto ridículo,

ensaiado e teatral. Mariana acha engraçado e seus olhinhos cintilam. Que galanteria o bofe teria dito? Ora, e a mocidade hoje galanteia? Com certeza, foi uma cantada mesmo. Perdem o pudor. Beijam-se em qualquer lugar e de qualquer forma, parece que se comem a língua. O beijo não é mais um ato carinhoso, não se dá um beijo, nem se rouba, agora se engole, naturalmente que bem mastigado. É gula pura.

Quando está sozinho Marcelo é outro. As mãos nervosas não sossegam, abotoa e desabotoa o paletó, tamborila os dedos no copo, os olhos veem em todas as direções, denuncia sempre a iminência do inesperado. Bebe golinhos curtos, lambisca, faz de conta que toma, pose só.

— Então, Rogério, pensativo por quê?

— Ah! Sabe, Ramos, não confio em Marcelo. Tenho receio de deixar minha fortuna para ele. Minha filha, tenho certeza, noivou só para me contrariar.

— Não seja sovina! O moço parece distinto. Você e essa mania de segurança ainda vão afastar esse rapaz. E Mariana vai acabar sozinha.

— Antes só.

— E quando você morrer?

— Vire essa boca pra lá!

— Olhe bem para Mariana! Não lembra alguém?

— Hum...

— Assim de azul, cabelo solto, leve...

— Aonde você quer chegar?

— Ora, cego, Ingrid! Na festa de aniversário, há quinze anos.

— Não me traga essas recordações! Embora boas, também me doem.

Ela ainda me faz falta, nunca mais confiei tanto em alguém.

— Hoje você não está para conversa. Pois aproveite sua casmurrice que eu quero alegria e me vou reunir aos jovens.

— Vai, vai paparicar a mocidade que talvez receba alguma migalha de atenção.

Grande amigo o Ramos. Não fosse ele, naqueles tristes dias de solidão, teria perdido o rumo da minha vida. É o irmão que nunca tive. Mas, de vez em quando, remexe feridas velhas como se fossem roupas de um baú.

— Ira, querida, finalmente você chegou!

— Que euforia, Rogério! Está querendo propor algum novo negócio?

— Você não quer se desfazer dessa raridade que é o seu carro?

— O Fordinho? Você está brincando! Agora vai colecionar carros também?

— Ira, hoje não faremos negócios. Estou apenas feliz

porque você veio. Cá pra nós, embora seja festa de minha filha, em minha casa, está uma chatice.

— Não seja perverso com Mariana e os jovens!

— Poderíamos ir à minha sala de artes...

— Propondo alguma arte? Você permitiria mesmo?

— Hoje estou acessível.

— Só entrei lá uma vez. Você sempre foi tão irredutível quanto a visitar seu pequeno museu.

— Quero mostrar algo especial para você.

— Hum... o que será?

— Sossegue e logo saberá. Vamos andando?

— Você estava me esperando para revelar esse segredo? Que lisonjeiro!

— É quase um segredo. Só sabem minha filha e o Ramos. Agora saberá você. Comprei faz menos de um mês.

— Deve estar muito bem protegido!

— Você me conhece, precaução. Deixe-me entrar primeiro, chamo-a já.

— Está bem.

— É só um instante.

— Deixe-me entrar logo, Rogério. Estou morrendo de curiosidade.

— Venha, pode vir.



Graças! Toda essa gente saiu. Agora, ao menos, posso gozar em paz os prazeres do meu salão. Ira ficou impressionada com meu Portinari. Também, custou uma fortuna. O Ramos não deu muita importância. Mariana sempre me recrimina, diz que vivo colecionando velharias. O assombro de Marcelo me intriga, até parece que já viu a tela. Bem, vamos abrir novamente essa pequena fortaleza.



Noite de festa, a gente não tem sossego, nem dá para ler uma boa história. Ainda bem que está acabando. Abre o portão, cumprimenta, fecha o portão. É sempre a mesma coisa. Bem que seu Rogério podia pôr um portão eletrônico. Vem aí o Dr. Ramos. Esse não me engana. Está mais para raposa que para perdigueiro. Sempre tão gentil e hábil com as palavras. Convincente até, mas o sorrisinho no canto da boca parece cicatriz. Creio que tem necessidade de aparentar algo e está tão acostumado a isso que lhe é natural fingir. Não me esquecem os olhares dele há quinze anos, quando Mariana voltou. Não foi atitude de médico. Eu era criança, mas aquilo ficou...

— Boa noite, Dr. Ramos!

Só sorri.

O jóquei já se foi. Gente fina, camarada. Outro dia me entregou a carteira que caíra do meu bolso. Não faltou um só trocado. Monta muito bem e os animais lhe obedecem com gosto. Entendem-se como se pudessem se comunicar. Se estivesse no lugar dele... Mariana...

— Até outro dia, Silas!

— Boa noite, Sr. Marcelo!

Futuro patrão. Sai no fim da festa. Esse está com a mortadela no prato, se tiver uma chance, tiro garfo e faca dele.

— Boa noite, senhora!

Dona Ira é de lua. Às vezes, responde, outras, nem te ligo. Hoje, está meio estranha... olhar fixo e vago. Pensativa?

Ainda bem, foi a última. Tranco o portão e posso descansar. Salete ainda tem serviço na copa e cozinha. Morena gostosa. Cada enseada! Um dia, ainda mergulho nessas praias... Chaves! Não posso esquecer as chaves. Tudo trancado para a segurança do reino de Sahlem e do meu também. Aquele perfil... para que ninguém diga que não tentei...

— Sobrou algo para mim?

— Ainda aqui, Silas?

— Inteirinho, como vê. Pena que não vê tanto quanto eu vejo.

- Safado!
- O que é belo deve ser visto e apreciado.
- Vá dormir! Deixe-me acabar essa droga de serviço que estou um caco hoje.
- Daqui ninguém diz... quer que eu junte os pedaços? Mais parece uva madura fora de época.
- Você precisa mesmo de óculos. Está aí o resultado de ler tanta asneira noite adentro.
- Ora, Salete, você nunca teve ciúme dos livros...
- Ciúme? Vou eu lá ter ciúme de você? Desgraça chega a minha.
- Ai! Agora você partiu meu coração. Já começava a ter esperanças.
- Pare de palhaçada e me deixe em paz!
- Então, devo desistir?
- Tire o cavalinho da chuva!
- E o que faço com a potranca xucra que relincha na minha frente?
- Corra, que ela também coiceia.
- Não! Água não!
- Dê no pé, mulato atrevido!
- Só assim para me livrar desse encosto. Parece carrapato. E eu com todo esse serviço, mas até que o espertalhão

é boa pinta. Se ele tivesse grana... é bem inteligente, muito lido. Do que tratam os livros que ele lê? Estudo? Distração? Engraçado, outro dia, ele me disse que os livros são feitos da vida das pessoas. Será que Silas procura a vida nos livros? Cruzes! Aqui estou filosofando e a limpeza fica. Vida... a vida está é dentro da gente, nunca num monte de palavras. O que elas podem fazer é despertar emoções. Sei lá, eu só leio fotonovelas.

Estou um bagaço. Ainda bem que a cama está macia. Quero dormir um ano!



Pai doido. Por que se tranca sempre naquela maldita sala? Velho pão-duro! Hoje, era só *ti-ti-ti* com o Ramos e Ira, dois puxa-sacos. Esses segredinhos entre eles me matam de ódio. Dá mais atenção aos outros que a mim. Gosto dele, é tolerante comigo, mas faz pouco caso. Se eu fosse homem, aposto que seria diferente. Filha única leva desvantagem, os pais ficam de olho nos prováveis genros, querem dirigir a escolha. Pensa que não percebo que ele não gosta do Marcelo. Fala tão bem, é gentil... o que o velho quer mais? Só porque não tem as mesmas manias dele? Ora, quem vai se casar sou eu. Marcelo vai me fazer feliz! Mariana, Mariana, pare

de sonhar e imaginar problemas e trate de dormir. Amanhã é outro dia e começará a aproveitar sua maioridade. Sabe, consciência, você tem razão. Cama, lá vou eu!



O silêncio cobre o casarão. A madrugada esfria. O vento remexe as folhas dos plátanos que cercam a residência. É lua minguante, pouca luz e ainda encoberta por nuvens. Estrelas ralas espiam a terra escura, testemunhas silenciosas dos segredos da noite. O ar frio penetra salas e quartos levando mensagens de medo. Sonhos e pesadelos se fundem, mesclando desejo e pavores.

Silas acorda suado. Súbito pressentimento o invade em meio ao sono. Passa as mãos sobre o rosto, em seguida abaixa a cabeça. Vai ao banheiro e retorna contrafeito à cama. Ainda é muito cedo.

Salete viaja em sonhos, num cruzeiro marítimo, com um moço que lhe faz todos os gostos. A madrugada acalenta suas ilusões.

Mariana, agitada, não sossega sobre o cavalo também inquieto. De repente empina e derruba a cavaleira. Alguém, de quem não reconhece o rosto por causa da sombra, vem em seu auxílio. Mas, nunca chega. O chão transforma-se em

poço de lama e a moça se debate. Uma mão se estende e a puxa. Quando quase salva, escorrega e vai mais fundo no barro. Gargalhadas masculinas e femininas. Longe... perto... vem alguém sem rosto definido, apenas a face da moça não está coberta pelo lodo...

— Socorro!

Sentada na cama com o susto, Mariana tateia o abajur. Os olhos no espelho a olham esbugalhados. A respiração ofegante se acalma aos poucos, à medida em que a água fria toca as mãos, cútis, pescoço...

— Ainda bem que ninguém ouviu.



O dia acorda carrancudo, ameaçando chuva. A arrumadeira já estava presente. Silas abriu o portão com má vontade. Salete já em pé era a única que parecia feliz.

Mariana tomou café e pediu pelo pai.

— Não apareceu.

— Ainda dorme? O velho está ficando preguiçoso.

— Precisa de alguma coisa, dona Mariana?

— Não, Salete. Apenas avise Teresa para não o perturbar com a limpeza. Deixe o coroa descansar.

— Sim, senhora.

— Vou ao centro. Qualquer coisa, ligue ao Marcelo, passarei por lá. Silas, abra o portão!

Mariana o tratava com indiferença: “mais um empregado”. O moço lhe dirigia seguidas vezes o olhar lânguido dos rejeitados românticos. Normalmente, ele tinha consciência de sua posição, mas também sonhava. Nesse momento, o pedido doeu mais, pois se achava perdido a contemplar os contornos da patroa.

— Eu ainda chego lá. — murmurou entre dentes.

Dez horas. O Sr. Sahlem ainda não apareceu.

— Salete, não seria melhor o acordar?

— Ele pode não gostar.

— É que preciso arrumar o quarto. Vai atrasar o serviço.

— Ora, você ganha bem e trabalha pouco. Não reclame!

— Será que ele quer que limpe aquela sala?

— Nunca permitiu. Lá, faz tudo sozinho.

— Acorde o homem!

— Vamos lá. O pior que pode acontecer é uma bronca.

Pé ante pé, Salete aproximou-se, rodou lentamente a maçaneta. Da porta não se via a cama. Nenhum ruído. Entrou na ponta dos dedos.

Ué! A cama está arrumada. O banheiro vazio. Será que seu Rogério saiu sem avisar e ninguém ver? Ou não dormiu em casa? Mas ele se despediu de todos na festa. Vou ao

museu, será que dormiu lá?

— Olha, Teresa, tem luz pela fresta da porta.

— Mas nem foi tomar café?

— Quanto mais velho, mais caduco. Seu Rogério!!!

Silêncio.

Repetiu o apelo.

Nada.

— Vai ver, esqueceu a luz acesa e saiu. Quando bater a fome, aparece.



The background is a solid, vibrant red with a fine, pebbled texture. Two white feathers are scattered across the surface: one is partially visible on the left edge, and the other is positioned in the lower-middle section, pointing towards the right.

Tensões

As escadarias da universidade estão pontilhadas de cores.

Mocidade esbanja vida nas roupas, nos gestos e nos risos sem compromisso. A praça, bem arrumada e limpa, estende-se até a portaria do teatro. O chafariz faz arco-íris com os raros raios de sol. A manhã continua indefinida, assim como a alma, a própria vida.

Por que quando me afasto dele tantas ânsias atacam? Será isso amor? Ou insegurança? Ele me fascina, mas quando se vai é como se um oco me tomasse conta. Gostaria de saber se esse vazio é a falta dele ou a ausência de meu amor por ele. Papai me recrimina; Ira incentiva; Ramos também. Papai quer me proteger; Ira me agradar; Ramos só contrariar papai.

Esta praça está tão vazia hoje! O que há com as bicicletas, crianças? Preciso de gente! Quero misturar, esquecer isso tudo, esses pensamentos que me perseguem. Vou passear na Rua das Flores. Flores? É isso! Mamãe, que vontade de a ter conhecido! Você adorava flores, dizia papai, quando

eu perguntava por que não tinha mãe e íamos ao cemitério. Lírios, margaridas e flores silvestres. Na floricultura perguntaram se era casamento, mamãe. Estou tão só. Se pudesse contar com você e dividir esse peso. Apenas fotos tenho. Nem uma vaga lembrança me vem. Pudera, eu só tinha três anos. Mãe, é verdade que me salvou a vida? Por que não me deixou morrer? Agora é esse sofrimento. Aquele caminhão... foi diante do Passeio Público? Por isso me dá vertigem aquele cruzamento. A pombinha não parou, nem eu. Se ao menos me lembrasse... papai fez um túmulo tão grande — uma igreja — e você gostava de flores do campo. Você entende minha angústia, também está sozinha. Parece uma cidade silenciosa cheia de cruces. É o mesmo vazio de uma catedral repleta de vitrais e segredos, com estátuas impondo respeito. Faltam árvores e pássaros. Que corpos inúteis, enterrados na laje! Abandono total. Pedras ao lado de pedras brotam do solo árido e flores murcham sobre lápides frias. Ingrid, você precisa de mim?



— Dr. Ramos!

— Sim, Mônica?

— Está aí um moço que não quer consultar. Ele quer

falar com o senhor.

— Quem é?

— Disse que o conhece. É baixinho e...

— Claro, claro. Mande-o entrar.

Será algum problema? O que quererá um jóquei? Nunca lhe dei muita confiança.

— Com licença?

— Entre, Inácio. Sente-se e esteja à vontade.

— Doutor, nem sei como começar... creio que lhe vai parecer estranho.

— Ora, não se acanhe! Não é uma doença dessas...

— Não, não.

— Pois então diga, alguma confidência?

— É quase isso. O senhor e Rogério Sahlem são amigos há muitos anos e pensei que talvez pudesse me ajudar.

— Está tendo algum problema com Rogério? O que aconteceu com ele?

— Nada com ele. É a esposa dele.

— Como assim?

— Gostaria de saber há quanto tempo morreu.

— Dezoito anos. Mas não entendo o porquê...

— Estou preocupado com Mariana, ela anda estranha faz uns dias.

— Não deve ser nada grave. Problemas da maioridade,

noivado... Ingrid faleceu há tantos anos. Mariana esqueceu-a.

— Ingrid?

— Sim, o nome da mãe. Era enfermeira na maternidade Santa Brígida. Eu a conheci só depois do casamento com Rogério. Passei a ser médico dele quando quebrou a perna numa queda de cavalo. Isso há dezenove anos, um antes da mulher morrer.

— E antes disso?

— Nada sei, apenas que eram casados há dois ou três anos. Foi horrível para Rogério perder a mulher no acidente.

— Acidente?

— É. Correu para a rua para pegar Mariana e um caminhão...

— A filha sabe disso?

— Sim. Rogério teve que contar. Quando cresceu e se percebeu sem mãe, queria saber porquê.

— Rogério não mais casou?

— Não. Quanto à Mariana, esquece. Ela sempre foi esquisita.

— Anda muito estranha. Perdoe-me perturbá-lo, doutor. Obrigado pela atenção.

— Até logo!

Moço dedicado. Ou há algo escondido. Sou um idiota. Como falei fácil! Parecia uma inquisição e eu nem percebi.



The background is a deep red with a fine, pebbled texture. Three white feathers are scattered across the surface: one in the lower-left quadrant, one in the lower-center, and one in the middle-right area.

Mistério

— Marcelo?

— Sim?

— Mariana.

— Tudo bem?

— Não. Papai se trancou na sala de artes. Não abre e não responde. Deve estar lá desde ontem.

— Ontem?

— É. A cama não foi desfeita e ninguém o viu desde a festa.

— Já vou aí!

— Deve ter dormido na sala mesmo. Chamei também o Dr. Ramos.

— Era preferível um chaveiro...

“

Eu não queria contar esta história desta forma. Era para ser suspense. Mas o que posso fazer se as personagens não se envolvem? Cada qual está preocupada com seus probleminhas e minha narrativa vai ficando. Até eu, agora, estou atrapalhado. A história

poderia acontecer sem minha intervenção, porém, se não der um empurrãozinho, ninguém vai se preocupar com o velho casmurro trancado com suas relíquias. Façamos de conta que já houve tempo de Marcelo e Ramos chegarem. O que irão fazer?

”

— Sr. Rogério, abra, por favor! Estamos preocupados.

— Deixe, Marcelo, ele vai me ouvir.

— Pois tente, doutor, mas duvido.

— Duvida por quê?

— Ou não está aí, ou...

— Rogério!!! É o Ramos. Vamos conversar! O que está acontecendo?

Insistiram. Bateram. Gritaram até. Nada.

— Chame o Silas, Salete!

— Num instante.

— O que pretende, Mariana?

— Abrir a porta.

— Não é melhor chamar a polícia?

— Para quê?

— É uma situação delicada...

— Ora, Marcelo, estou em minha casa. O que acha,

doutor?

— Faça o que julgar melhor. Assim é que não pode ficar.

— A senhora me chamou?

— Abra a porta, Silas!

— Ahm??

— Abra, arrombe, dê um jeito.

— Seu pai não vai gostar.

— Goste ou não. Abra!

Marcelo tenta, com um arame dobrado, abrir a fechadura. Enquanto Silas força as dobradiças. De repente, um alarme soa estridente no corredor. Todos param, menos a sirene. Não se ouve fala. Gestos cortam o ar. Silas aparece com uma escada, sobe até o lustre fixado no teto, desparafusa o globo. Ali está a cigarra barulhenta. Arranca-a com um puxão forte.

— Ufa! Estava ficando surda.

— Vamos tentar chamá-lo novamente?

— Não adianta, Marcelo, se com todo esse barulho ele não abriu é porque não está aí dentro.

— Onde estaria então?

Alguns minutos depois, chega a polícia.

— Uma sirene da polícia por aqui?

— Silas, vá ver!

— É melhor desistir e chamar um chaveiro.

— Concordo.

— Dona Mariana, os policiais vieram por causa do alarme contra roubo.

— Mande entrar!

— O senhor Rogério Sahlem?

— Está preso aqui nesta sala. Sou a filha dele. Tentamos abrir e disparou o alarme. Nem sabia que havia sinal na polícia.

— Faz menos de um ano que instalamos.

— Podem nos ajudar a abrir a porta?

— É pra já! Terêncio, pegue aquela “chavezinha” especial.

— Aqui, sargento.

Em poucos instantes a porta cedeu. Essa habilidade não me engana. Estes levam jeito para figurar nesta história: rapidez, eficiência e poucas palavras. Parecem saídos de um livro policial que conheço. Aliás, já tive a mesma sensação quando minha casa foi assaltada. Chave é inútil. Tudo aberto desmotiva. Ninguém entrou no banheiro, preferiram deixar um audacioso “vulcão” sobre o tapete da sala.

A luz acesa de dentro agrediu os olhares curiosos que vasculhavam espaço e objetos. Havia apenas porta, sem janelas. Parede palha e teto branco. Amplo, mas repleto. Três escrivaninhas, vários quadros pendurados, esculturas

aqui e acolá, até pelo chão, uma estante repleta de livros velhos (relíquias) e, no canto, um cofre grande e pesado. Nem eu sabia de tanta quinquilharia.

— Papai!

Sem resposta. Entraram.

— Doutor, aqui!

Rogério Sahlem jazia atrás de uma escrivaninha. Marcelo apoiou Mariana, enquanto o doutor Ramos o examinava rapidamente. Olhou para a filha e balançou a cabeça negativamente. A garota desabou em choro ao se aproximar do pai inerte, sempre apoiada pelo noivo.

Nenhum sinal exterior, provavelmente foi o coração. A polícia estava ali, mas para desencargo de consciência chamaram a especializada com médico legista. O homem era rico e importante. Examinaram o cadáver. Apenas um mosquito morto preso nos cabelos da nuca e recheado de sangue.

— Ataque cardíaco.

Observaram o lugar.

— Esperem!

— O que há, doutor?

— Ontem à noite ele me mostrou uma nova aquisição, um Portinari legítimo que estava nesta moldura. Sumiu!

— Tem certeza?

— Sem dúvida Marcelo. Eu vi.

— E você, Mariana?

Como que acordando:

— Sim. Onde está o quadro?

Havia várias molduras na sala, todas ocupadas, mas o Portinari ninguém viu. Entreolharam-se.

— Mas então?...

— É isso, aconteceu um roubo.

— Será que teve um choque quando percebeu a falta do quadro?

— Vamos ter que abrir inquérito.

Os policiais observaram minuciosamente a sala, mas em nada mexeram. Então caracterizaram a falta da tela e tomaram providências com o legista para analisar o cadáver. Já não se tratava mais de uma morte simplesmente, poderia haver implicações mais graves: latrocínio.

Coube a Silas trancar tudo outra vez. A chave, depois, foi entregue a Mariana.



The background is a solid, vibrant red with a fine, pebbled texture. Three white feathers are scattered across the surface: one in the upper left quadrant, one in the lower right quadrant, and a partial one on the far right edge.

Sem saída

A chave.

O segredo está na chave. Ramos percebeu a falta do quadro. Mariana está abatida, chora pouco, permanece pálida e anda sem objetivo. O mais consternado parece o Silas. Tem estado imprestável desde a descoberta do corpo. Dona Ira veio fria, cara de pergaminho. Observa. Diz monossílabos. Pergunta detalhes. Ar de detetive que procura intriga. O velho não gostava de mim. Caminho livre? Sinto Mariana distante. Ofereci-lhe o ombro, fui carinhoso, mas ela, arredia, fuge-me. Desconfia de mim? Esse policial fazendo perguntas. "Alguma chave reserva?", "Quem o viu pela manhã?", "E ontem?", "Quem foi o último a entrar na sala?". Chave não há, só a que estava no bolso do defunto. Pela manhã, ninguém o viu. Ontem, despediu-se de todos no final da festa. A última pessoa que esteve com ele foi dona Ira, mas afirma que viu a tela no lugar quando saíram. Sabe-se que Rogério, após a festa, retornou à sala de artes. Após isso, um hiato até encontrar-se o corpo.

Teria alguém da casa entrado no local? Ou uma pessoa teria retornado depois da festa? Ou haveria alguém escondido na propriedade que, aproveitando o silêncio da madrugada, entrou na casa e...? Alguma coisa vai se definir, assim

que a necropsia for divulgada. Confesso-me preocupado. Qual o próximo passo?

Aí vem Inácio, talvez saiba algo.

— Novidades?

— Poxa, Marcelo, pergunta como se eu viesse de uma festa.

— Calma, rapaz, não se exalte!

— O delegado fará uma reunião logo mais para revelar o resultado da necropsia. Disse que quer a presença de todos os mais chegados à família.

— Pode deixar que eu aviso a todos.

— Obrigado. Ia mesmo pedir isso a você, pois não dormi um instante na noite passada. Além do que, tenho outro compromisso inadiável e não tive vínculos próximos com o senhor Sahlem. Voltarei para o enterro.

Apressado o baixinho. Eu também não dormi. Compromisso? E isso é hora? Marcelo, esqueça suas preocupações e desconfianças, tudo acabará bem. Trate de reunir as pessoas, o delegado não tarda.



— É meu dever comunicar que o senhor Rogério Sahlem morreu envenenado.

Os presentes receberam a notícia boquiabertos.

— Assassinado?

— Sim, senhora Iracema.

— Com quê?

— Curare. Paralisante, rápido e eficiente.

— Não poderia ser suicídio?

— Fora de cogitação. Onde estaria a seringa? Com veneno no sangue, não haveria tempo para escondê-la ou desfazer-se dela.

— Mas não havia sinais de luta e ele não se deixaria matar passivamente!

— Aí começam os problemas, senhorita Mariana. Sabemos apenas que foi aplicado na jugular, onde havia uma pequena mancha de sangue. Quem? Quando? Mistério. Por quê? Roubo. Ao menos temos o motivo. Peço permissão para revistar a casa e as imediações, a fim de procurar algum indício.

— Não pensa que alguém de casa faria...?

— Perdão, mas tudo é possível. Com licença.



No cemitério, lia-se: *Aqui jaz Rogério Sahlem: 1928 – 1986.*
Já faz uma semana. Estranho, por que o túmulo não é

ao lado da esposa? Solitário até o fim. Olha que tentei me aproximar de você. Algum muro sempre o mantinha ermitão. Sei que gostava de meu Fordinho, mas de mim... afinal, não está tão só, ao seu lado estão duas jovens: *“Aqui jaz Mariana Antunes: 1930 – 1950”*, à direita, e à esquerda: *“Aqui jaz Heloísa Albuquerque: 1930 – 1965”*.

Quem diria, Rogério, ainda hoje fazer testamento! Você não acha que exagerou? E por que devo estar presente na leitura? Sempre criando suspense! Interfere até do túmulo. Estarei lá. “Cuidado, Iracema Oliveira Leão, não se exponha, pode decepcionar-se ainda mais”. Tem razão, consciência, devagar, mas segura.



The background is a deep red with a fine, pebbled texture. Three white feathers are scattered across the surface: one in the top left, one in the middle left, and one in the middle right.

O **testamento**

“

Perdoe-me se não tomo rédeas dessa história, cada personagem vai querer chorar as suas mágoas, lamentar suas frustrações, comentar suas expectativas, expor suas frivolidades e, certamente, ninguém iria ler um livro desses. Onde estão as ações, os sus-penses e as revelações? Vamos, pois, logo à leitura desse testamento inesperado. Também não sei quem inventou esse disparate. Mas pior que testamento é inventário: o governo fica com grande parte, além de já ter sugado a vida inteira, o advogado com o resto. O que sobra aos herdeiros são as dívidas. E os que brigam pela herança? Até parece que se esforçam para conquistar o que havia sobrado ao defunto. Viva a honestidade dos homens!

Poxa, isso de comentário à toa pega. Estou eu, aqui, sendo influenciado pelas minhas personagens. Chega! Também quero me libertar!

”

“Curitiba, 14 de julho de 1985.

Consciente e lúcido, faço-os cientes de minha última vontade. O presente testamento só tem validade em caso de minha morte não ser natural. Meus bens ficam assim distribuídos:

Pela constante dedicação à minha atividade de colecionador, tendo se transformado em apreciador arguto do belo e do singular, deixo a Silas de Castro toda a minha coleção da sala de artes”.

Como um relâmpago, acendeu-se o rosto do empregado. A seguir, olhou a todos com ar constrangido, especialmente Mariana.

“O apartamento no edifício Pero Vaz de Caminha, cujas especificações constam na escritura anexa, já em nome do herdeiro, por razões particulares, deixo para Salete A. Silva”.

Aí, todos olharam interrogativos para a moça, que ficou rubra e encolheu os ombros.

“Ao amigo Ramos, fica a Mercedes cinza, que combina com sua sobriedade.

Para a senhora Iracema Oliveira Leão, cara amiga, deixo a aliança de brilhantes que deveria ter posto em seu dedo, mas nunca tive coragem (de posse do senhor testamenteiro). Também à Iracema fica a primeira opção de compra de qualquer obra de minha coleção, caso o senhor Silas de Castro queira se desfazer.

Todos os demais bens e propriedades, assim como ações,

títulos e dinheiro em bancos, pertencem a minha filha, Mariana Sahlem”.

Um soluço interrompeu a leitura. Mariana não podia esconder as lágrimas.

“Sendo essa a minha vontade, fica encarregado o senhor...”.

A mais emocionada era Ira. Um sorriso de noiva mesclava-se à profunda solidão. Uma lágrima quente rolou em sua face pálida.

Salette parecia não entender nada. Esboçava um sorriso, escondia uma lágrima, ameaçava um monossílabo, cobria a boca com a mão trêmula e mordida os lábios tentando sufocar o soluço, misto de alegria e de vazio.

Silas resplandecia pelos olhos. Os gestos morriam no ar como se sonhasse acordado, falando ao vento. Nada vê, nada ouve, só seu próprio pensar.

Mariana emocionada, Marcelo seco. Estaria com inveja? Medo?

The background is a solid, vibrant red with a fine, pebbled texture. Two white feathers are scattered across the surface: one is positioned in the upper left quadrant, and the other is in the middle right quadrant. The feathers are rendered with soft, realistic shading, showing the delicate structure of the barbs.

Desconfianças

Alguma coisa está no ar.

Não creio que tudo já esteja resolvido. Todos disfarçam bem, mas não me enganam. Alguém deve estar com inveja de minha Mercedes. Aliás, Rogério superou as minhas expectativas. Eu cheguei a desconfiar que a amizade fosse mais por medo da morte. Parece que se apegava bastante às pessoas, até Salete e Silas... ele está rico.

Há um mistério maior na aliança que Ira recebeu. Desconfio dessa mulher, o que saberá ela a mais? Terá descoberto algo? Os feitiços femininos... saberia algo que não sei? Por outro lado, impossível enganar Rogério cara a cara, aquilo era uma raposa.

Sempre conquistadora, nunca deu trégua. Acompanhou-o a recepções, teatro e sabe Deus lá onde mais.

Esta história apenas começou... muita pedra vai passar pela britadeira. O barulho vai ser grande e a poeira demorará a baixar. Ela não poderia estar apaixonada por um velho excêntrico. Com certeza era apenas a coleção de arte que a atraía.

Pilotando esta Mercedes sou outro. Até agora não havia pensado nesta vantagem. O ar de rico chama cliente, embora nem esteja necessitando dele.



Às vezes a vida nos põe em um poço escuro, donde tateamos uma saída. É impressionante como as pessoas reagem diante da agonia: uns relaxam, entregam-se; outros se debatem, aumentando o sofrimento. Agora vejo como sou egoísta e orgulhosa. Não peço auxílio e me desmancho de pena de mim, no fundo de meu abismo.

Mesmo cercada por tantos corpos, sinto-me só. Apalpo as paredes úmidas de meu desespero e vivo o mais completo silêncio e vazio.

Há olhos que me vigiam nessa escuridão. Estou presa. Haverá saída? Mesmo assim, conquistei meu objetivo. Ah, Rogério, você há de me compreender. Era também um solitário.

Olhos claros me espreitam, visão jovem, desconfiada, insegura, como se interrogasse algum segredo. Sua filha nunca gostou de mim. Fiz força para mudar esta situação. Nem de você ela gostava. Zombava de suas atividades, considerava-o doido. Sei que ela temia uma união nossa. Ambiciosa, teve medo de dividir, de perder... Mariana, não sou mais ameaça. Rogério, por ela, você me manteve à distância.

Medo. O medo gela os pés, esfria os olhos, seca os

lábios, enrijece as mãos e congela os sentimentos. O medo ataca, o medo destrói.

Entra um frio pela janela e o escuro da noite me apavora. Único conforto, esta aliança tardia. Brilha, ilumina o fundo do poço onde estou e me cega. Meu dedo pesa uma tonelada e verga, apontando o chão, o pó, e me segreda que é tarde.



Nunca imaginei que a extravagância de papai chegasse a tanto! Por que expor-se em testamento? Que motivo o impulsionou a deixar um apartamento para Salete? E eu pensando que Ira queria aproveitar-se dele. A empregadinha soube usar sua carinha bonita. Que interesse ela teria em meu pai? O que saberá ela sobre mim? Há uma cortina encobrindo alguma verdade escabrosa. Pelo menos, uma névoa densa não permite ver com clareza os fatos. Salete e papai? Não combina. Ele teria vergonha. E se ela soubesse do testamento? Será ambiciosa? Sonhadora? Ladra?

Devo estar enlouquecendo! Tudo isso tem uma explicação simples, sei que tem. É tensão demais, não controlo mais os fatos. Preciso reagir, não posso passar por boba.



Ele era o único que tinha acesso fácil e frequente à sala de artes, bem pode ter sido o Silas. Desgraçado! Se eu soubesse antes!

O apartamento veio a calhar. Meio doido, mas bom o velho. Por que eu? Que diabo de motivo oculto foi esse? Acabou me deixando numa fria. Me olham com desprezo: os homens com um risinho cínico no canto da boca, as mulheres com inveja. Até o safado do Silas, que vivia me cantando, caiu com essa: "O patrão pode então!?". Desgraçado! Não perde por esperar!



A tela vale uma fortuna, roubá-la... sinto um calafrio. É preciso coragem. Latrocínio, anda dizendo o policial. Desconfio que está por aqui ainda essa pintura. A companhia de seguros também veio, Mariana vai receber um milhão só pela tela, fora os seguros de vida do pai. Alguns nascem mesmo com estrela. Eu também não posso me queixar.

O noivinho não ganhou nada, mas ficou com tudo.

Daria todas essas relíquias por Mariana. O safado calculou tudo direitinho, mas eu vou perturbar, não vai ser de graça. Agora ela vai me notar, serei alguém, a competição será mais justa.

Os gestos dissimulados, a voz mansa e os risos fáceis não me enganam. Estou de tocaia, Marcelo. Descubro seu ponto fraco e daí...

Essa morte me trouxe vantagens também, o campo está livre para mim, vou à caça. Valeu ter lido tanto por tanto tempo, estou pronto para a nova vida.

Preciso descobrir todos os segredos desta sala. Embora saiba alguns, havia os que o patrão não revelava. Patrão, essa palavra soa estranha agora. Tenho até algum receio de estar aqui sozinho, as armadilhas... Ele era meticoloso com a segurança.

Aquele botão no paletó de Marcelo. Por que não largava? Mania? Toque? E gira, alisa, aperta... tudo é micro nos dias de hoje. Ele não parava de girá-lo nas tardes em que visitou a sala. Os olhos infiltravam-se nos objetos, registrando detalhes e medindo distâncias. O botão parecia um olho mágico engolindo formas. Como não me dei conta disso na hora? Marcelo, estou cá pensando com meus botões...



Ela mudou. Fria, distante e seca. Tenho que considerar a morte do pai, mas podia ter se apoiado mais em mim. Ela é minha saída. Pena que terei que esperar o casamento e isso vai demorar... o luto... pressa não convém.

Maldito Ramos! O Portinari... Curare? Que falta de originalidade! Vai fazer as vezes do pai. Terei que tirá-lo do caminho, será uma pedra. Sei como fazê-lo. Preciso desacreditá-lo aos olhos de Mariana.

Em tantos anos de amizade, conheceu bem seu companheiro. Teve todas as chances de burlar sua guarda e... é um bom argumento. Qual a vantagem em golpear o amigo? Inveja, inveja de sua riqueza. Era apenas o médico e estava apaixonado por Ira, enquanto ela só via Rogério. Creio que vou por esse caminho. Ele que não se arrisque atrapalhar meu noivado com Mariana! Quem me preocupa é ela, está diferente.





Na
maternidade

— Não, Rubinho, aqui não!

A sala era em forma de L por trás do balcão, com vidro até o teto e dois furos redondos para comunicação com o público. Naquela hora, raros eram os que pediam alguma informação. Assim, Dr. Rubens, recém-formado e estagiário na maternidade, engraçado pela recepcionista Matilde, costumemente a procurava para algumas safadezas muito ao gosto de ambos.

— Vamos mais para o fundo, benzinho.

— E se vem gente?

Diariamente a conversa era a mesma, um pequeno ritual de excitação. Matilde acabava cedendo. Enleando-a por trás, com as mãos nos seios, Rubinho a convencia e levava-a para onde não podiam ser vistos. O armário do arquivo foi cúmplice de muitas libertinagens.

— Estão chamando, Rubinho!

— Agora não, só mais um pouquinho.

— Larga! — dizia, não querendo ir.

— Quase, espera... — sussurrava ofegante.

Quando Inácio foi atendido, tinha diante de si uma

garota moreno-clara, com cabelo em desalinho, rosto afo-
gueado, um botão da blusa mal fechado e a saia curta amar-
rotada. Ela parecia estar vendo um fantasma.

— O que foi, garota?

— Nada não, desculpe — respondeu ajeitando o cabelo
com um meneio de cabeça e passando a mão pela saia de
cima para baixo. — O que o senhor deseja?

— Existe algum médico ou enfermeira que trabalhe
aqui há mais de vinte anos?

— Está fazendo alguma pesquisa ou ficou doido?

— Doido por quê?

— Ora, e hoje alguém fica por vinte anos no mesmo
emprego?

— Quer dizer que ninguém...

— Calma, moço, pode explicar por que procura alguém
de tantos anos passados?

— Vinte anos não é muito, é questão de ponto de vista.
Para um jovem que viveu menos de vinte, parece muito;
mas para quem já tem sessenta...

— O senhor já tem sessenta?

— Foi só um jeito de explicar...

— Está bem. Vou ligar para o recursos humanos.

Depois de algumas palavras no fone, a garota orientou
Inácio para procurar seu Davi, na terceira sala à esquerda

no corredor, e rumou rápida para o fundo da sala.

Meia hora após, estava Inácio diante da simpática senhora de cabelos grisalhos, que o recebeu com um sorriso.

— Pois não?

— Doutora, não estranhe o que vou lhe pedir. Gostaria que lembrasse o passado.

— Ah, meu filho, há vinte anos sou médica e antes era enfermeira nesta mesma maternidade.

— A senhora se lembra da enfermeira Ingrid?

— Ingrid? O que tem ela?

— Ela casou-se e...

— Não é aquela que morreu pouco tempo depois do casamento, num acidente?

— Ela mesma — confirmou Inácio, animando-se.

— Pobre moça, casara-se e, pouco mais de ano...

— Mas ela não tinha uma filha de três anos?

— Não, não. — e mudando — por que o senhor está interessado nesse assunto?

— Perdoe-me não ter explicado. Acontece que o marido da falecida Ingrid morreu e a *causa mortis* não está clara. Eu sou investigador da companhia de seguros e, como o seguro é alto, costumamos averiguar bem qualquer indício antes de pagar.

— Então ele morreu? Lembro-me de sua infelicidade. Não fosse Ingrid...

— A senhora dizia da filha?...

— Sim, sim. Não era filha de Ingrid, mas da esposa falecida.

— Que esposa?

— Do senhor Sahlem. Era esse o nome, não?

— Então ele foi casado anteriormente?

— Creio que sim, pois a esposa teve aqui no hospital a filha. Infelizmente, teve um choque anafilático na cesariana e não resistiu. A custo salvaram a criança.

— O nome dessa primeira esposa?

— Não me lembro. São tantos anos...

— Como Ingrid?...

— Vendo o sofrimento do pai, ela dedicou atenção especial à criança, que também tinha problemas e ficou quase um mês no hospital. Durante esse curto período, o senhor Sahlem teve grande apoio da enfermeira, que se afeiçoou à garotinha. Quando teve alta, o pai fez uma ótima proposta e ela se tornou a babá de Marianinha. Pouco mais de um ano depois estavam casados.

A conversa continuou mais um pouco, até que Inácio conseguiu acesso ao arquivo morto para tentar descobrir o nome da mulher de Rogério Sahlem.

Os livros antigos estavam empoeirados. Abriu o registro de datas de 1965. Folheou-o inteiro sem encontrar nada sobre a família Sahlem. Conversou com dois ou três funcionários e todos confirmaram que tudo deveria estar aí. Tornou a investigar o livro, procurando mulheres que tivessem falecido.

Encontrou dezesseis. Começou, então, uma ideia a germinar. O pensamento o assustava um pouco. Procurou a causa da morte. Duas com choque anafilático, uma em cirurgia do estômago e a outra em cesariana. Envolvido pela pesquisa, foi, de repente, surpreendido pelo nome Heloísa B. Albuquerque.

Inácio arregalou os olhos, ficou pálido e só conseguiu murmurar:

— Não é possível!...



— Tia Amélia! Tia Amélia!

— O que é, Inácio? Por que toda essa barulheira?

— Descobri! Descobri finalmente!

— O quê?

— Mamãe!

— O que está dizendo? Ficou doido? Ela fugiu de tanto apanhar de seu pai, você sabe disso.

— Mas tia, só pode ter sido ela, o mesmo nome...

— Há tantos homônimos... nunca ninguém teve mais notícias dela.

— Nem podiam, ela está morta — disfarçou um soluço — faz tantos anos.

— Você tem certeza?

— Tenho.

— Como foi?

— Ela se juntou com um homem rico e engravidou. Quando teve a criança, morreu.

— Quem é esse homem?

— Aquele que foi encontrado morto em casa, o senhor Sahlem.

— Mas você dá aulas de hipismo para a filha dele!

— É, tia, minha irmã! Não é maravilhoso?

— Não é verdade! Essa história louca não será verdade. Parece novela! Alguém mais sabe disso?

— Até agora só nós dois.

— Veja lá, não vá me fazer asneiras por aí. Cuidado com o que diz e a quem diz.

— Tia, a senhora é mesmo minha tia?

— Agora desconfia de tudo, hem? Sou sim. O maluco

irresponsável de seu pai, depois que ficou sozinho, enlouqueceu ainda mais, e numa noite pegou sua irmã e fugiu, abandonando você em casa. No dia seguinte, eu passei por lá, ouvi seu choro e...

— Chega, tia. A senhora já contou isso mil vezes e sempre chora quando lembra.



A sala de segurança

Ouro predomina,
mas uma mancha
machuca os olhos,
agride sonoramente,
escancara, em púrpura,
límpida risada.

No olhar, navegam sátiras, nos olhos baila alegria. Se alguma lágrima se perde é porque a menina, descuidada, mergulhou e saltou água. Tenra vegetação diáfana clareia mais ainda a pele alva. O nariz aponta agudo, hirto, determinado. Sobre toda a paisagem repousa, cheio de luz, um sol de verão, clareando espaço adentro.

Queria saber se a lua cheia pode ser apreciada no pitoresco desse quadro. Renoir e a banhista solitária vivem nesta parede.

Jamais pensei ter tudo isso. Como um homem tão apegado às coisas pôde ser tão generoso? Seria seu gosto pela

arte uma forma de ser artista? A arte de apreciar o belo... artista passivo, arte só na alma, sem dom de expressão. Como todo artista, não quer sua obra esquecida.

Portinari, Portinari... que golpe! Foi perfeito. Pistas? Nenhuma. Desconfianças? Muitas. Certezas? Nem sombra. Tenho vontade de rir da expressão de cada um.

Os segredos desta sala são tantos: os botões de alarme na aba interna da escrivaninha; o segredo do interruptor de luz; o alarme *laser* na porta; o gás do sono atrás de cada quadro na parede e talvez outros que eu ainda não conheça.



Leitor, o Silas, naturalmente, não sabe que seu pensamento foi captado e escrito num livro, pois se soubesse, esclareceria, certamente, o funcionamento de cada alarme ou segredo da sala. As personagens vivem sua história, não se preocupam com o leitor, menos ainda com o escritor, além do que, meu narrador anda meio esquecido, por isso tomo a liberdade de explicar que o alarme da porta só desliga quando aberta com a chave de vidro que estava no bolso do senhor Sahlem, quando encontrado morto. O segredo

do interruptor é que só pode ser ligado, pressionando a pequena alavanca de baixo para cima; caso contrário, provocará um forte choque elétrico na pessoa. Os botões de alarme da escrivaninha acionam uma sirene, se qualquer objeto que está em contato com o chão for erguido. O gás do sono é lançado quando alguém move um quadro qualquer da parede.

”

O sonho acabou



Inácio decidiu ir ao Cemitério Municipal para encontrar o túmulo de sua mãe.

Absorto em pensamentos, Inácio tropeçou no degrau da porta lateral do cemitério, uma cidade bem habitada, com classes sociais e avenidas. Será preciso paciência e visão atenta. Percorreu ruelas de chão, ladeadas por covas rasas, uma sem identificação. O tempo voa, o espaço é o mesmo. As construções melhoram a aparência. De súbito, lembra-se de Rogério e se dirige a seu túmulo. Olha-o distraído. Passeia os olhos em torno e crava-os na lápide vizinha. Encontrou a resposta. Conferiu data de nascimento e morte. Saiu dali com misto de dor e saudade.

Na hípica, Mariana o aguardava para a aula de adestramento. Aproximou-se. Ansiedade crescendo. Era sua irmã. Contaria tudo? Precisava de mais provas e sabia como consegui-las.

— Finalmente, voltou às aulas! É bom vê-la mais disposta.

Um pouco mais tarde, disse:

— O pessoal da secretaria disse que precisa de seu número de identidade, você a tem aí?

— Está no carro.

— Então, enquanto você se prepara, eu levo à secretaria, certo?

— Está bem, obrigada.

Na carteira, lia-se: Mariana Sahlem. Filiação: Rogério Sahlem e Ingrid Becker Sahlem.

A dúvida. Então, a doutora mentiu? Mas tudo bate perfeitamente. Qual será o segredo, meu Deus?





Dinheiro

— Senhorita Mariana,
como advogado de
seu falecido pai,
cumpre-me pô-la a
par dos negócios dele.

— Senhor Antunes, poupe-me explicações, vamos ao que interessa.

— Está bem. Há um seguro de vida pendente, pois depende das conclusões do inquérito policial sobre a causa da morte. Há uma cláusula que anula o seguro em caso de suicídio.

— Mas isso é um absurdo! Ele não poderia, nem havia motivo.

— Calma. Essa é uma hipótese remota pelo que constatei com a polícia.

— Nem deveria ser cogitada.

— Existe o seguro do quadro de Portinari. Esse monta em um milhão. As aplicações na bolsa, creio que

continuarão, se a senhorita assim quiser, é um bom negócio, com rentabilidade garantida.

— O senhor quer continuar como meu advogado e assessor econômico, não?

— Naturalmente.

— Então, continue os negócios e assegure que rendam bastante, pois, segundo cópia da procuração que papai lhe deu, quinze por cento de todo o lucro é seu.

— Há um problema.

— Ahm??

— Uma das últimas aplicações feita no início do novo plano econômico do governo resultou em prejuízo e não seria bom retirar dinheiro de aplicações seguras para cobrir o desfalque. Assim, sugiro que tome o dinheiro do seguro e cubra a despesa.

— Foi tanto assim?

— Próximo a um milhão.

— O senhor sabe o que fazer.

— Existe um problema. Seu pai comprou propriedades no litoral, três apartamentos em Guaratuba. Isso ultrapassa a um milhão e meio. Eu não sei como ele pretendia saldá-los, se com dinheiro próprio ou se venderia algo. Preciso de uma decisão em uma semana.

— E onde papai teria dinheiro?

— Costuma ter reservas em bancos e boa quantia em cofre doméstico.

— Aqui? Nunca soube que guardava muito dinheiro em casa.

— Deve haver algum cofre. Na sala de artes, por exemplo.

— O que há lá agora é do Silas. Mas vou dar um jeito. O senhor me telefona em dois dias e terei uma resposta.

— Não esqueça a parte do governo na herança!

— Ainda essa?

— Estou providenciando a nova situação, não se aflija, com paciência tudo se resolve.

— Espero. Não pensei que dinheiro perturbasse tanto!

— Incomoda mais a quem não o tem.

— É verdade, é mais fácil manter uma muralha que conquistá-la.

Mariana decidiu entrar no quarto do pai, fechado há um mês.

Abriu a porta silenciosa. Mariana parou na soleira e contemplou o ambiente na penumbra. Pela cortina penetrava tenra luz que desmaiava sobre o tapete persa e a colcha escura. Não acendeu a lâmpada. Foi à janela, afastou os panos da cortina e jorrou azul para dentro do quarto. Teve uma vertigem, quando abriu a janela, escancarando-a para o pátio. Foi como se violentasse um túmulo. Diante

do enorme espelho, estava pálida e só. Na cabeceira, sobre a mesa, ainda estava o livro que papai lia. Encorajou-se e abriu a cômoda repleta de peças brancas. Numa das gavetas, encontrou uma caixinha muito bem fechada. Era leve. Sacudiu-a. Sem barulho.

Papéis. Qualquer hora vejo — pensou.

Cofre. Onde haveria um cofre? Papai gostava de esconder tudo. Parede falsa? Testou todas. Fundo oco no armário? Nada. Alçapão? Não encontrou. Verificou até a banheira e nada viu que lembrasse cofre. Na estante pequena do quarto, apenas livros, pareciam intocados.

Saiu disposta a solicitar ajuda a Silas. Ambos vasculharam a casa, escarafuncharam a memória e só se lembraram dos cofres da sala de artes. Foram a ela, pois Silas, se houvesse dinheiro, entendia que fosse de Mariana, uma vez que só considerava seu o material artístico.

Os três cofres estavam vazios, a não ser um que tinha uma moeda de um dólar cunhada em 1920.

A noite cai rapidamente. O dia não foi bom. As responsabilidades começam a pesar. A vida airada, solta e livre já não é senhora absoluta do destino da ainda garota Mariana. Nada lhe falta de essencial; economicamente, o pai lhe deixou muitos bens, porém não queria apenas consumi-los, ao menos manter as posições conquistadas. Precisa de

dinheiro. Não muito, mas é seu primeiro negócio, a primeira decisão. Acertar é fundamental.

Janta sem fome. A casa ficou enorme. Silas, que fazia as refeições com a família, está fora. Salete, ressentida com os comentários, deverá mudar-se logo para o apartamento que herdou.

— Mariana! Mariana! — estaca, ofegante, o passo.

— Por que essa correria?

Recompõe-se um pouco do susto.

— Eu me assustei com a gata. — Sorri disfarçada. — Boa noite, dona Ira. Foi bom ter vindo, ando até com receio, sozinha neste casarão.

— Viaje, garota! Tome outros ares por algum tempo. Você suportou tudo sozinha, precisa recompor energias.

— Logo que acertar alguns problemas, vou.

— O Silas me andou contando que precisa de algum dinheiro...

— Não é exatamente assim. Papai costumava guardar dinheiro em casa, segundo seu advogado, e estou tentando encontrá-lo. Sabe como costumava proteger bem o que tinha. O dos bancos, só será liberado após o acerto do testamento e herança e tenho uma dívida a saldar em poucos dias.

— Vim aqui para ajudá-la.

— Sabe onde...

— Não, não. Silas me fez uma proposta interessante: vender-me peças da sala de artes, à minha escolha, para arrecadar o dinheiro.

— Quem ele pensa que é!? De jeito nenhum! A não ser que ele queira o dinheiro. Não quero depender de homem nenhum.

— Converse com ele que vem chegando.

— Boa noite!

— Que história é essa de vender objetos da sala de artes?

— Não precisa de dinheiro? Eu só quero ajudar.

— Eu vou conseguir o necessário sem essa loucura.

— Então façamos assim: a senhora Ira escolhe o que comprará, se você precisar de dinheiro. Se não necessitar, melhor, não o darei.

— Dar? Não quero nada dado. No máximo, um empréstimo.

— Seja.

Na sala de artes, Ira recusou as telas de pintura, só haveria interesse se fosse o Portinari desaparecido. Acabou optando por dois vasos raros, um livro antigo e uma escultura de um anjo de metal. Acertaram-se no preço e o negócio ficou engatilhado.





**Através
da cortina**

O desassossego a persegue faz dias.

Pouco tem visto Marcelo. A distância aumenta. Cada vez mais se sente alvo de olhares interrogativos, de meias-palavras. Há insinuações no ar. Está constantemente tensa. Instala-se, enfim, um regime de vigília constante no que diz e, principalmente, no que ouve. Há receio de ser descoberta. Em seu íntimo, as imagens se misturam. Elas vão e vêm alternando-se, medindo-se, pesando-se. Sabe não ser uma escolha da razão apenas, esquecê-la, porém, seria absurdo. É preciso ser lógica, prática. Revolta-se, às vezes, com sua frieza, queria ser toda emoção, contudo, controla-se. Raras vezes deixa-se vencer e chora sozinha.

O último bom momento que tiveram juntos foi há quinze dias, quando desceram à praia para espairecer. Caiobá estava repleta, fazia os últimos dias de calor. Passearam pela Praia Mansa. Ao entardecer, foram até a Prainha. O mar é poesia e sempre emociona os jovens. O beijo foi espontâneo, mas lhe queimou os lábios até a noite e o sono demorou. Quando veio, surgiu poético e enigmático.

Doce mar de mel ao pôr do sol, seu sal tempera a vida,

curte pernas, braços, quadris, seios gentis quando ao meio-dia. Na alegria da praia se misturam risos e beijos suados, úmidos de maré, moles de ressaca. À tardinha, o encanto das cores deslumbra os olhos. Num infinito abraço se acariciam dois gigantes azuis: um cheio de luz, outro pleno de reflexos. O escuro dobra a esquina do horizonte e seu olho de prata espia mar e terra. O movimento dá lugar à contemplação, o corpo amolece depois do amor e a alma se liberta e dança sobre as águas.

Acorda assustada com a imagem do pai boiando nas ondas.



Marcelo percebeu o distanciamento, a pouca empolgação, a diferença das primeiras semanas. Atribuiu tudo à morte do pai, afinal, recente. Nos primeiros dias, ofereceu o ombro, as palavras, as carícias, a companhia que foram gentilmente rejeitados. Resolveu dar tempo. Na praia, pensou ter tudo voltado como dantes, todavia, com o retorno à capital, voltou a frieza. Aumentava a preocupação: perdê-la? Nem pensar. O investimento fora grande.

Veio-lhe à mente a festa em Santa Felicidade. Conheceu-a saboreando um cacho de uva Itália. A rebeldia aflora-

va pelos dentes mordendo a carne saborosa da uva. Flertava fartamente. Atraiu-a com seu *buggy* irreverente. Independente, dispensou o pai, que se foi a contragosto. Pareceu presa fácil. À tarde, ameaçou chuva. Pegaram o *buggy* e zarparam. No centro da cidade, os primeiros pingos. Riram, enquanto se molhavam. As bocas se atraíam.

— Precisamos secar as roupas.

— Moro aqui perto, Rua da Glória.

A blusa colava no corpo, ressaltando as formas perfeitas. Entraram. Marcelo acendeu a lareira e ofereceu uma bebida.

Chuva leve, luz pouca. Nos olhos, sensualidade. A acaricia das mãos arrepia a pele excitada. Ela se despe devagar, não como quem tira, mas acrescenta, degustando a reação, provocando. Deita-se no tapete suavemente como folha que se acarinha na grama. A tez bronzeada pelo sol queima nos reflexos da lareira acesa. A luz e ele começam disputa pelos espaços desse corpo ardente. Enleia-o nas pernas roliças, colando os ventres. O contato acende a lavareda e o fogo toma conta. Ela aninha-se nos braços dele e deixa-se levar. Só repousam no sono lascivo, espreitados pelas brasas à espera de nova brisa.

Nunca tinha sido tão bom como nenhuma antes.

Soube-a rica. A ideia de casamento foi, aos poucos,

tomando forma. Seria o golpe perfeito. Até que gostava dela. Começou a investir sério. Livrou-se das outras amiguinhas. Criou, em torno de si, imagem de nobre, família estrangeira, filho de comendador. O *buggy* era só descontração. Teve sorte no jogo, comprou um Del Rey 84, pôs som. Fez papel de homem de negócios. Tudo, enfim, que pudesse impressionar Mariana e o pai. Ela caiu na malha, talvez mais para contestar o pai, que desconfiava do moço, já que não conhecia a família, que, segundo Marcelo, morava em Mônaco.

Com a morte do pai, a vida passou a ser séria. Nasceram em Mariana a precaução e a análise, antes espaços ocupados pelo descompromisso e impertinência. Falava menos, observava o noivo nas raras vezes em que se viam. A agilidade dos olhos e mãos dele deixaram de ser habilidade inofensiva e se tornaram esperteza. As palavras escondiam intenções, acobertavam dúvidas. Aos olhos dela, ele mudara. Em verdade, ela não era a mesma. As vezes em que estiveram juntos, até as intimidades diluíam-se, perdiam a importância, experiências ultrapassadas. O amor fora paixão. Na mudança de ato, o ator ficou perdido na cena, pois usava roupa anacrônica. Assim parecia Marcelo agora: inadequado como alguém de *smoking* em festa de *jeans*.

Por sua vez, Marcelo pensava em seus pais colonos, esforçados para mantê-lo na capital para formar-se médico.

Frequentou a faculdade por dois anos, trancou matrícula e está há três anos vivendo bem, às custas dos pais ignorantes. Joga pôquer em clube fechado e, quando o dinheiro some, arranja algum, distribuindo drogas. Tem acesso a laboratórios de farmácia e consegue os ingredientes. Faz bom dinheiro no carnaval. O casamento com Mariana seria a grande saída para justificar-se perante os pais.

Soa a campainha do telefone.

— Alô!?

— Marcelo?

— Que bom que você ligou, Mariana! Esperava seu telefonema.

— Precisamos conversar.

— Claro! Vou aí.

— Não. Prefiro num outro local.

— Está bem. Jantamos no Landerna?

— Ótimo.

— Às oito?

— Está bem.

— Vou buscá-la.

— Não, não! Encontro você lá.

— Como quiser.

— Tchau!

Desligou. Seca. Que diabo anda acontecendo com essa

menina? Preciso tomar providências. Vou pressioná-la esta noite. Quero marcar esse casamento.



O primeiro passo está dado. Não vou fraquejar, não quero casar com ele. Serei impositiva, determinante. Com a morte de papai, tenho que repensar minha vida. Ele vai compreender.

Faz um ano que o conheço, mas sei sempre menos dele. A Festa da Uva, a chuva no carro, o apartamento... foi bom, mas nada profundamente. Uma paixão colegial que o tempo engoliu.

Nunca pensei que tivesse consciência das maluquices da mocidade. Marcos, foi no carnaval do Thalia. Forte doido. Pulamos três noites, fiquei excitadíssima. Nem percebi que fui parar na quitinete dele. Depois, fiquei sentida, até chorei. Tive raiva dele e de mim. Nunca mais o vi. Passou. Difícil foi convencer papai de que dormi na casa da Ritinha. Valmor foi um engano no início da faculdade, euforia de caloura com o presidente do diretório. Paixão é fogo de palha: muitas chamas rápidas, pouca fumaça e quase nada de cinza; brasas não sobram.

A noite veio. Encontraram-se. Jantaram. Poucas palavras. O fim. Ele tentou argumentar, mas ela foi absoluta, nem esperanças deixou.

Saiu aliviada, até um pouco mais limpa.

Ele esbarrou no garçom, pisou em falso no degrau, quase caiu. Perdeu o rumo.

Mariana chegou em casa, abriu a cortina e deixou a noite penetrar em seu quarto. Havia luz na casinha de Silas.

The background is a vibrant red with a fine, pebbled texture. Scattered across the surface are several white feathers of varying sizes and orientations, some appearing to float or drift. The word 'Férias' is printed in a white, bold, serif font at the bottom center.

Férias

Os olhos fundos escondem um pouco o vermelho da noite mal dormida.

Pesadelos frequentes, resultado da infância na guerra. A fuga de Paris um pouco antes da invasão alemã, o pai esvaindo-se em sangue, desgraça do bombardeio. Lembranças da menina que infestam a vida da mulher. Os cinquenta e um parecem quarenta, frutos da moderna medicina. Quando o passado volta, nada encobre a idade; acrescenta. O tempo é uma viagem que se mede pela dor. Esqueça o sofrimento e será sempre jovem.

Em Portugal, a vida foi difícil no princípio, mas a comunidade auxiliou, e adotaram o nome Oliveira, quando vieram ao Brasil. A mãe casou-se novamente e tiveram vida decente. Ira cresceu linda, casou-se moça, foi infecunda, enviuvou aos trinta e cinco, rica e solitária. Entrou para o mundo dos negócios e apaixonou-se pelo mercado da arte, abriu galeria e colecionou. A paixão virou febre, a febre mania, a mania

obsessão, e Ira de Oliveira Leão não recusava negócio, inclusive alguns suspeitos, outros escusos, sempre mantendo as aparências de honestidade que a posição exigia. Nunca foi molestada e raros foram os clientes insatisfeitos. Vendeu, certa feita, a um museu peruano, um Guido Viaro, cópia, a preço de original.

Conheceu Rogério Sahlem viúvo. Apaixonava-os o interesse comum: a arte. Somente dois anos após, pôde entrar na sala de artes. Impressionou-se. O objetivo passou ser: casar para ter acesso a tudo o que viu. Foi paciente. Nos oito anos que seguiram, frequentou a casa inúmeras vezes, porém, não passam de dez as vezes em que foi convidada a entrar naquela sala. No último ano, chegou a insistir e, por isso, conseguiu, por três vezes, apreciar a rara coleção.

Nesta manhã, dona Ira mal levantou e o telefone doeu em seus ouvidos:

— Alô!

— Senhora Ira? — perguntou voz masculina.

— Sim?

— Estou com problema.

— Resolva-o!

— A senhora não sabe com quem está falando?

— Claro que sei.

— Então trate de me ajudar!

— Por quê?

— Estou na pior e disposto a contar o que fiz por você.

— Você é quem sabe. Não tenho nada com isso. Se quiser me acusar, faça-o! Nada temo. É bom pensar melhor antes de fazer asneira.

— Qualquer hora eu abro a boca! — ameaçou.

— Ora, não tenho tempo para lamúrias. Faça o que quiser.

Desligou o telefone. Agia assim: impositiva, direta, seca. Nos negócios, mandava, não pedia. E murmurou para si:

— Atrevido, ousa me ameaçar. Quem sabe realmente esteja com algum problema? Vejo isso depois, não quero dor de cabeça agora, já chega a noite mal dormida. Preciso viajar, o mar vai me fazer bem. Passaporte, passagem, malas... vai ser uma correria. Não posso perder tempo.



Mais alguns pacientes esta semana e, graças a Deus, férias. Vidinha medíocre! Entra doente, sai doente, receitas, remédios, a miséria humana transborda. O homem é podre por dentro, consome química e fede. A lata, o plástico dominam a indústria e engolimos as vísceras do comércio, arrotando Coca-Cola. Vou livrar-me disso por um tempo. O pior

é que falta o que comer e o homem se irrita e cria a úlcera nervosa e faz dieta. Quando ameniza, embebeda-se para comemorar. Briga, espanca mulher e filhos e tudo acaba no centro médico. Haja paciência!

Finalmente, descanso digno de um médico. Dois meses, será que me acostumo? A última vez que tive férias assim era estudante. Tempo bom, sem preocupações. Depois, o estágio no hospital. José Gonçalves, nunca vou esquecer. Como perturba esse nome! Uma traqueostomia seria suficiente. Fiquei paralisado vendo o homem azulando. Depois, a desculpa à família... aquela menina com algodão na barriga... como deu trabalho descobrir! A cirurgia fechada... e justificar outro corte... cada mancada até aprender! Depois, mulheres no consultório. Faziam questão de tirar a roupa. Em domicílio atendi tantas... uma solteirona me esperou de camisola, vinho branco gelado... e pagou a consulta. Solteirão sempre. Nunca enriqueci. Agora as coisas melhoraram.

INSS, fila... uns altos, mas curvados, mãos nas cadeiras; outros tosse muito, com cigarro no canto da boca; alguns oferecem ombros corcundas a outros que escorados vão. Barrigas cheias de vermes e vida fácil, bocas vomitando cáries, tumores à flor da pele. Trôpegos nos passos, derrotados no olhar.

— O próximo!

— Doutor...

— Ora, isso não é nada. Tome esses comprimidos e volte em seis meses.

— Obrigado. Deus lhe pague!

Nunca mais voltam.

— O seguinte! Está dormindo?

— Não, doutor, é que não posso andar.

— Então, que veio fazer aqui? É noutra seção.

— Onde?

— Deve ser no nono.

— Obrigado, doutor.

Mudou o nome do instituto, mas as filas são iguais.

Vinte pacientes em uma hora, e que hora horrível. Férias!



— Qual o seu nome, garotinha?

— Salete.

— Que menina bonita, irmã Simpliciana!

— É verdade. Onde você mora?

— Não sei.

— E seus pais, onde estão?

— O pai está bebendo ali.

Como comi bem naquele dia! Não sei como fizeram, mas fui ficando no internato. O pai, nunca mais vi. Eu tinha oito anos e me puseram na escola. Cedo comecei a trabalhar à tarde, cuidava do neném de tia Augusta, a cozinheira do internato. Carlinhos era criança dócil, engracei-me e fiquei. Estudei com as freiras. Arranjaram-me certidão e com dezoito anos procurei trabalho fora. O que sempre fiz bem foi comida. Os Nunes gostavam, pena que foram para o Rio. Militar não tem morada. Foi difícil acostumar na casa de Pedro Sudowski, poloneses comem diferente, outros temperos, tudo com leite e batata, legumes que não acabam mais. Aí, o acidente. Enterro triste, muita gente. Dona Mirna sentiu muito, mas ganhei a conta. Aqui estou nem sei bem como. Na agência, disseram que um senhor precisava de cozinheira, casa rica, e que escolheu a mim pela ficha. Só conversou comigo na casa.

— Quanto quer ganhar?

— O senhor viu meu salário na ficha.

— É, mas pensei que pudesse...

— Desculpe, senhor Sahlem, mas por menos...

— Não é isso.

Ele parecia ansioso. Nunca entendi por quê.

— Preciso saber seu dia de folga.

— O senhor determina.

— Quarta-feira está bem?

— Os hábitos da casa, horários, quantos para as refeições...

— Trate isso com minha filha que vem aí.

Preciso descobrir por que ele me deixou o apartamento. Nada fiz de especial. Será que por causa daquela noite no jardim? Até hoje fico vermelha de pensar. Como tremi na hora. As mãos dele também.

— Feliz aniversário!

— Obrigada.

Quis soltar minha mão. Ele a segurou e puxou-me levemente. Por resistir, desequilibrei-me e me apoiei em seu ombro. Segurou com as duas mãos o meu rosto, olhou bem nos meus olhos assustados e me beijou a testa.

Corri envergonhada. Daí por diante, foi sempre um patrão educado e com manias de segurança.

Mariana está diferente, desconfia de mim. Já que ganhei, vou usar o apartamento. Mas logo agora abandonar a casa, parece ingratidão. Além disso, o trabalho é pouco, pagam em dia e bem, até pensei em voltar a estudar. Preciso visitar a irmã Simpliciana. Está velhinha. Não vou esquecer as compotas que roubei na despensa, depois tive que repor. Acho que foi aí que despertei minha vocação para a cozinha.

Sempre escondida atrás do fogão, não tive tempo de me apaixonar. Só sonhos. Vinte e seis anos de fantasias com artistas de fotonovelas e paixões de outros. E eu, quando começo a viver?

— Não case cedo! — insistia irmã Júlia.

A lavagem cerebral foi tanta que esqueci o casamento, sufoquei o amor. As vezes em que saí, sempre fui visitar tia Augusta e o internato. Depois que desativaram, não fui mais; faz mais de ano. Preciso de férias.



Rogério Sahlem estacionou o carro em frente ao Banco do Brasil na histórica cidade da Lapa. Logo aglomerou gente. Carro caro. Rapazes curiosos. Uma hora depois, três loirinhos olharam o homem voltando, enquanto um mulato de treze, catorze anos se espelhava na lataria brilhante.

— Quem fez isso? — interrogou a voz forte do proprietário lesado.

Um forte risco na lataria, ao lado da porta, feria a pintura, até então impecável. Rogério olhou para os garotos, para o mulatinho...

— Você!

— E... e... eu o quê? — gaguejou.

— Você, escurinho, venha aqui e explique isso!

— Não fui eu — afirmou tímido.

— Foi ele sim — interrompeu um terceiro. — Eu vi. Ris-
cou com um prego.

— É mentira! — negou com veemência.

— É verdade! — informou mais outro.

— Qual o seu nome? — perguntou ao garoto acusado.

— Silas.

— Cadê o prego?

— Não tenho prego.

— Onde mora?

— Ali embaixo, nessa rua — apontou.

— Qual a casa?

— 481.

— Depois vou lá, quero conversar com seu pai. Onde já se viu uma maldade dessas com um carro novo? Agora saia daqui! Se mande!

Silas queria esganar os acusadores, mas esses correram antes que pudesse fazer qualquer coisa. Curtiu intenso medo. Como contar ao pai? E se tivesse que pagar? O pai era pobre. Estava encrencado.

Meia hora depois, Rogério retornou a pé e entrou num bar próximo ao local do incidente e ouviu:

— O maior? Aquele que parece estudioso?

— Esse. Aí acusaram o filho de seu Castro e fugiram. Os três são mesmo uns moleques safados, onde já se viu mentir assim!

— E o carro?

Nisso perceberam a presença de Rogério e olharam para fora para ver o carro. O senhor Sahlem saiu, depois de comprar uma água mineral.

O carro parou no número 481. Silas gelou por trás da janela. Ainda nada havia dito ao pai. Teve ímpeto de esconder-se, sair da casa e fugir.

Rogério entrou. Ninguém na sapataria. O senhor Castro ouviu a presença na saleta da frente, onde havia um balcão.

— Sim, senhor?

— Procuro um moço de nome Silas.

— Meu filho — disse quase com orgulho o sapateiro.

A conversa se alongava. Silas não ousava ouvi-la, temia ser visto. Após quase meia hora, o pai veio chamá-lo. Não fosse a obediência insistentemente ensinada, teria recusado ir. Chegou de olhos baixos, tremia.

— O que acha, Silas, de morar na capital?

Rogério procurava um rapazote para ajudá-lo na nova casa, numa pequena chácara, e queria também compensar o moço pelo mau juízo que fizera dele.

A princípio, encabulado, Silas se pôs atento, ouviu, curioso, pensou incrédulo, consultou os pais e acabou indo.

Bagagem pouca, coube tudo numa sacola. Eram férias escolares, ginásio concluído. A capital, sonho impossível. O carro, casa de luxo sobre rodas, ver o mundo de dentro, outro prisma, somava importância. Sentia-se coisa observada, animal raro em jaula de ouro. Até hoje, às vezes, pensa se o estavam vendo ou o carro; certamente houve os que estranharam o contraste.

Pela manhã, quando saíram da Lapa, na frente do Banco do Brasil, os três loirinhos arregalaram os olhos ao verem o mulatinho dentro do carrão. Sorriso que engoliu farinha seca, tentaram disfarçar a inveja. Cabeça erguida, Silas olhava a estrada, arco-íris. Haveria no fim um pote de ouro?

A chegada, os edifícios. Abaixava-se para ver o topo dos prédios altos. Pararam na Sete de Setembro, bem em frente a um edifício quase pronto, ainda sem moradores.

— Um minuto, garoto, volto já. — Lá se foi, edifício adentro, o senhor Sahlem.

O moço ficou olhando o monstro ainda desnudo. Impo-nente, cimento só, rijo. Com mil olhos escancarados, vigia a cidade que formigueja apressada. Pelo oco dos olhos se procura a alma. Livre e aberta. No bojo, salários-mínimos

suados, já gastos, feito poeira que tudo cobre. Não há ruídos, gaiolas ainda vazias. A solidão engole em seco. Silas é novo, essa lição só o tempo o fará aprender.

A chácara, no final da Saldanha Marinho. Portão enorme, jardim em construção, espaço cercado por árvores em pleno viço, casa nova grande, dois pisos, muitas janelas. Casa menor à esquerda, próxima ao portão, branca, também nova, com dois pisos, mais garagem de casa. Entre a grande e a pequena, estradinha de pedras brancas. Mais ao fundo, piscina.

Apontando a casa menor, o senhor Rogério falou:

— É aqui que você vai ficar. Há um bom quarto, banheiro, cozinha e uma sala. Embaixo é garagem.

Os primeiros dias foram cheios de novidades. Gostou de tudo. Veio depois a saudade. Nunca tinha saído de casa. Ali estava sempre meio só. Ajeitava o jardim, limpava os carros, abria e fechava o portão.

Fazia as refeições na cozinha com dona Judite, já bastante idosa, e Etelvina, a empregada. Vinha ainda, duas vezes por semana, Jurema. Ajudava na limpeza.

A rotina do primeiro mês o fez pensar na Lapa e às vezes a buzina do carro o fazia enxugar uma ou outra lágrima renitente.

— Silas, hoje você vai comigo.

— Aonde, senhor Sahlem?

— Vou matricular você na escola.

— Poxa! Eu posso estudar?

— Lógico. Prometi a seu pai. Além disso, quero você preparado para outras atividades.

Com o início das aulas, o tempo do rapaz passou a ser escasso e a saudade foi embora. Aprendia facilmente. Lia muito. O primeiro ano passou voando. Visitou os pais, quinze dias na Lapa. Bem vestido, a pobreza da casa dos pais revoltava. Retornou a Curitiba ambicionando mudar. Queria mais da vida. Estudou com afinco. Ao final do terceiro ano, concluía o colégio. O senhor Sahlem conversava mais com ele. Entendiam-se. Começou a fazer as refeições com o patrão. Um dia conheceu a sala de artes (na época, menos rica que agora). Silas se encantou e o interesse foi premiado: passou a ajudante do senhor Sahlem. Aprendeu muito sobre pintura, escultura, sobre o valor estético, social, humano e histórico dessas relíquias. Aos dezoito anos, acumulou o cargo de motorista. Foi quando passou a ser registrado como funcionário. Antes disso ganhava uma mesada, agora um valor. Um bom valor.

Foi então que soube do retorno da filha do patrão que

estivera estudando na Suíça. Pensava tratar-se de uma garotinha. Quando a viu, impressionou-se, tinha doze anos que mais pareciam quinze.

Ela o tratou com desdém. Apenas um empregado; aliás, conseguiu afastar o pai um pouco do moço.

A menina cresceu. Três anos depois, Silas cobiçava a garota, cultivava um amor platônico. Fez diversos planos para conquistá-la, mas não se encorajava a executá-los. Vieram os namoradinhos. No começo, o rapaz sofria; mais tarde, acostumou-se. Conhecia a moça, sabia que aquilo era passageiro. Ele queria ser rico, ter carro, impressioná-la. Como nada disso conseguia, acabou esquecendo-se dela. A chama só reacendeu com o aparecimento de Marcelo, por quem nutria uma antipatia gratuita.

Certa vez, colocou sobre o banco do carro dele um pequeno objeto de borracha. Mariana entrou, sentou-se. Quando Marcelo se acomodou, pressionou o objeto, provocando ruído característico de desarranjo intestinal. Em vez de ficar vexado, ele riu, acompanhado por Mariana. Doutra feita, pôs um sapo. Ainda bem que nunca soube o desfecho do episódio, pois ela, assustada, lançou-se nos braços do namorado.

Após o noivado, Silas se tornou arredio, falava menos, maquinava alguma coisa. Foi surpreendido algumas vezes

gesticulando sozinho como quem arquiteta um plano. Trabalhava muito, tinha a responsabilidade de suprir a casa, bem como o haras, na estrada para Joinville. Depois da morte do Sahlem, diminuíram os afazeres, mas precisava de férias.



A essa altura, você deve estar bem chateado com a história. Que posso fazer? O narrador resolveu relatar o passado das personagens. É que ele, às vezes, tem mania de professor e considera cada leitor um aluno, por isso gosta de tudo muito bem explicadinho. Creio, por outro lado, que será útil conhecer melhor a índole e os motivos de cada um dos envolvidos, assim poderá julgá-los com mais segurança e prever o fim desta narrativa; quem sabe até se precaver contra certos tipos que andam por aí.

Naturalmente percebeu-se que são todas pessoas de bem, com algumas falhas – aliás, para a nossa sociedade tão corrupta, o que são um comerciante de arte que camufla uma ou outra obra (afinal arte é supérfluo, coisa de rico), e um médico que treinou nos

pacientes e perdeu alguns até aprender (certamente você conhece casos semelhantes e nem por isso são vilões)? – Salete e Silas, coitados, foram escravos modernos que, com a morte do patrão, receberam carta de alforria. E agora, o que fazer da vida?

Mariana? Seria uma libertina? De jeito nenhum, antes solitária, sem carinho, sem mãe, orientação repressiva de internato, vida extremamente regrada que na mocidade encontrou uma válvula de escape. No máximo, inconsequente.

E o mau-caráter do Marcelo? Pilantra mesmo? Mau? Essencialmente mau? Garotão, muito moço, enfrentou a cidade grande. Só, diante de tantos segredos. Deu azar, desvendou os mistérios mais fáceis de descobrir, além de fascinantes.

Não se irrite se defendo assim as personagens, é que são meus filhos, e quem não protege sua prole? Você faria o mesmo.

Deixo-o com Mariana. Também preciso de férias.





The background is a solid, vibrant red with a fine, embossed texture. Two white feathers are scattered across the surface: one is positioned in the lower-left quadrant, and the other is in the upper-right quadrant. The word "Receios" is printed in a white, bold, serif font at the bottom center of the page.

Receios

Dinheiro.

Em casa, nada; o do banco, interditado. Não vou vender. Se papai comprou, é porque podia pagar. Mas que dinheiro? Nunca fiz negócios e seu Antunes me põe nesse problema.

Aceitar a ajuda de Silas? Logo dele! Aquele metido! Pensa que não vejo como me olha! Atrevido! Olhar de peixe morto, sempre de longe. Nunca tolerou meus namorados. Apenas porque papai o admirava, pensa ter direitos sobre mim. Quando vim com o Marcelo, os olhos dele me fuzilaram. Foi divertido. Daí em diante, nunca mais participou das festinhas, trancou-se. Queria saber o que faz tanto sozinho, madrugada adentro, luz acesa. Será que namora? Como seria a garota dele? Bobo não é. Percebo seus comentários. Era até bonito ouvi-lo com o papai, discutiam aspectos, concordavam, discordavam. Quando descrevia uma peça rara de exposição que frequentava, falava com os olhos e gestos, vivia cada palavra. Os dois combinavam.

Se ele pensa que vou pedir auxílio, está muito enganado. Humilhação, não!

Ele ofereceu. Não seria justo, será que papai aprovaria?

— Droga!



Ela aceitará? Falo ou não? O gerente garantiu: além disso, me salvo de vender as peças. Ainda bem que ela foi orgulhosa, eu me precipitei na oferta. Esse coração... tivesse aceitado, a essa hora eu estaria puto da vida.

Realmente, não quer saber de mim, mas seria uma boa unir o útil ao agradável. Não vou deixar, de mão beijada, um outro levar tudo. A faca eu já tenho, o queijo é que anda meio escorregadio. Não vou desistir, qualquer dia, tiro uma lasca.

O noivinho não apareceu, ela um pouco diferente. Pagaria bem para saber o que ela pensa. Tem saído pouco: a hípica, raras compras, até a faculdade está parada.

A sugestão é boa, vai aceitar, não é burra e precisa de ajuda. Cabeça de vento, não deu atenção aos negócios do pai, agora não tem saída para coisas simples. No almoço, eu falo. Não irá ofender-se?

— Dane-se!



Ela está séria demais. Preocupada? Esse dinheiro deve ter tirado o sono dela.

— Bom filé, Salete, já pode casar.

— Aproveite que a carne está no fim.

— Poxa, esqueci o abastecimento do congelador e parece que vai faltar carne. Vamos acabar comendo cavalo.

— Deus me livre!

— Não seja preconceituosa, os europeus comem.

Por que não me olha? Afundou os olhos no prato e vai se afogando nele. Em volta não existe. Deve estar fingindo, isso de concentração enquanto come nem para monge serve. Ela tem que olhar para mim, se não, como vou lhe falar?

Será que ele vai falar? Por que não repete a oferta? Ofendeu-se com a minha recusa? Ele parece ansioso. Come depressa, como quem tem compromisso. Queria olhar para ele, mas algo me impede. Será vergonha? Não quero ficar vermelha.

— Mariana!

Oba, olhou.

— Sabe, sobre o dinheiro de que precisa...

— Já disse que não aceito sua proposta.

— Não se trata daquela.

— Então, o que é?

— Estive pensando e tomei a iniciativa de falar ontem à tarde com o gerente do banco e ele afirmou que emprestaria...

— Olha, Silas, pode deixar que meus negócios resolvo sozinha. Não preciso de babá.

— Só quis ajudar.

— Dispensso. Além do que, já marquei entrevista com o gerente para logo mais. Como vê, sei me virar também.

Caramba, não precisava ser tão grossa. Um problema resolvido. Não vendo nada para dona Ira. É para eu aprender a não achar que sei tudo e ela nada. Na próxima, calo a boca para não passar vexame. Ela saiu com sorriso de vitória.

Ainda bem que ele nem percebeu que me deu a ideia. Vou telefonar já para o banco e marcar a entrevista. Papai era conhecido e respeitado e Silas, muitas vezes, fez negócios por papai; assim, com o pedido anterior dele, fica mais fácil e não devo favor nenhum; afinal, ele não sabe que a ideia foi dele.



The background is a solid, vibrant red with a fine, pebbled texture. Three white feathers are scattered across the surface: one in the upper right corner, one in the middle right, and one in the lower left. The word "Descoberta" is printed in a white, bold, serif font at the bottom center.

Descoberta

No início de junho, a polícia arquivou o caso.

Concluiu que suicídio era impossível e que o latrocínio era provável. Havia o corpo, o veneno e o roubo, não existia, porém, assassino, nem ladrão, nem indícios do quadro e, tampouco, confirmação de suspeitas.

Haviam seguido todos os passos das pessoas próximas da vítima, especialmente dona Ira, mas nenhuma prova, nem sinal de culpa. Na investigação, apenas apuraram algumas suspeitas em relação a Marcelo, pois descobriram suas tendências para o jogo. Ficou nisso.

Os seguros foram liberados e Mariana recebeu grandes somas que, naturalmente, não compensaram as perdas.

As decisões testamentais foram agilizadas e, em meados de julho, pleno inverno curitibano, tudo estava nos conformes da lei. Salete visitou seu apartamento, todo mobiliado, com os móveis cobertos por lençóis. Tirou o pó, pôs estilo no local. Décimo sexto andar, face norte, com vista para o centro da cidade. Em breve, moraria ali, apesar do condomínio caro.

Silas foi limpar o pó de sua sala de artes. Encantava-o

o ambiente cada vez que mergulhava nele de corpo e alma. Não se cansava de apreciar os detalhes de cada objeto, creio que sentia as vibrações do artista ao tocar levemente numa tela ou escultura.

Não cansava de admirar o *Porto*, de Tarcila do Amaral, e seus olhos viajavam entre Guignard, Ismael Nery e repousavam no *Campo de futebol*, de Ronaldo Vargas, para levantarem voo com a tela de Masé em seu simbolismo mágico. O metal trabalhado ganhou vida nas mãos de Clécio Coser e chama a atenção sobre a escrivaniinha.

Uma poeirinha aqui, um cisco acolá e muita beleza e emoção penetrando pelos olhos e pelos poros.

Para limpar bem, Silas desligou os vários alarmes e defesas da sala. Aproximou-se de um quadro de Carlos Scliar, o gaúcho. Quando pôs a mão na armação, caiu o espanador. Soltou o quadro e abaixou-se. Nisso ouviu, no agudo silêncio da sala, um *tic* na madeira. Apanhou o espanador, olhou a moldura, saiu de lado para evitar o pó. Novamente ouviu *tic*. Verificou próximo à moldura, o que podia ser uma rachadura. Nada. Sucedeu um ruído na porta. Abriu-a. Era a gata Mimi, que vivia pela casa. Angorá, pelo bonito. Andava solitária, fora o mimo do patrão. Entrou. Silas não deu importância. Retirou da parede a moldura. Sobre a escrivaniinha, alguma coisa destoava. A gata deitou-se sobre o tapete,

bem ao pé donde estivera a tela. Deu um fraco miado que chamou a atenção de Silas. O bichinho lambia com dificuldade a pata. O rapaz volta a atenção para a tela na escrivaninha. Anda até o outro lado da sala, tira outro quadro, olha atrás, aprecia demoradamente, repõe na parede e retorna. Outro miado o distrai. Vê a gata estremecer e ficar inerte. Que truque é esse? Pensou e permaneceu olhando. O bicho não se movia. Aproximou-se. Cutucou com a ponta do sapato. Imóvel. Agachou-se. Ergueu-a. Estava morta.

Embaixo da patinha direita da frente, uma gotícula de sangue. Procurou o objeto que causara o ferimento, nada encontrou. Intrigou-o essa morte súbita. Teria o animal procurado a morte no local em que agonizara seu dono? No chão, bem próximo, os sinais mal apagados de giz feito pela polícia técnica, demarcando o lugar exato em que fora encontrado o corpo do senhor Sahlem.

Silas saiu com o corpinho peludo e foi indagar Salete sobre o que dera para a gata comer. A ração normal dela.

No quintal, sob um plátano, foi enterrada a angorá.

Ao voltar à sala de arte, dirigiu-se para onde repousava a tela de Carlos Scliar. No ângulo inferior direito da moldura, estava preso um botão metálico que aguçou a curiosidade do rapaz. Olhou-o bem de perto. Não era botão. Resolveu examiná-lo. Puxou-o. Estava colado. Com cuidado retirou-o,

não sem puxar um pouco a tela que cedeu. Parecia uma miniatura eletrônica. Outro alarme da sala? Por que não funcionava? Examinaria em uma casa especializada. Queria, precisava saber.

De súbito, atinou com algo: teria sido a gata vítima desta possível armadilha? Haveria outras? Por que atrás deste quadro?

Pegou a moldura para virá-la, mas resolveu antes ajeitar a tela que cedera. Pôs-se a arrumá-la, mas não dava certo. Teve que retirar os grampos de segurança. Com a tela solta, ergueu-a para melhor fixá-la.

— Não pode ser!

Virou a tela que retirara e olhou-a trêmulo.

— Não é possível! São duas!

Por trás estava a tela de Portinari supostamente roubada.

Surpreso inicialmente, confuso depois, falava consigo:

— Então não houve roubo?

Aos poucos, um sorriso foi tomando conta do rosto do moço que começou a dançar, segurando o achado no alto, sobre a cabeça.

— Aqui está o dinheiro de que preciso!



**A polícia
volta à cena**



A descoberta de Silas o fez pensar em vender o quadro.

Não poderia fazê-lo no mercado normal, mas no mercado negro não haveria dificuldades. Se a polícia soubesse, o inquérito seria reaberto e Mariana perderia o seguro recebido, tanto do quadro como talvez até o da morte do pai. Sem roubo, não há motivo, sem motivo, por que um crime?

Conhecedor do mercado, procurou agentes escusos. Quando encontrou o adequado, fez o negócio. Permanecer com a obra poderia ser perigoso, além do que, deveria ficar escondida. Por isso, desfez-se dela sem sentir perdas.

Uma semana depois, quando lia o jornal, Silas foi surpreendido: *“Encontrada tela de Portinari”*. Leu avidamente a reportagem. “O carro ia carregado de obras de menor expressão e o acidente fez com que algumas sumissem entre os curiosos, antes que a polícia chegasse. O motorista morreu no local, enquanto José Aparecido Dias foi levado, em estado grave, para o hospital de Registro. No caminho não houve vítimas fatais, apenas ferimentos leves no

motorista e na sua acompanhante. O fato surpreendente foi que, ao recolher e analisar os objetos do carro sinistrado, a polícia encontrou a tela de Portinari que havia sumido do acervo do milionário falecido Rogério Sahlem. Assim, as autoridades recebem de graça a primeira pista que poderá levar à descoberta do enigmático crime da sala de artes”.

Ao final da leitura, estava branco, lívido. Desejou que o sobrevivente morresse. Não adiantaria, bastava seguir as pegadas que chegariam a ele.

A polícia atacou com fúria e chegou fácil ao comprador da tela. Este foi pressionado, mas alegou que o vendedor era desconhecido. Deu uma descrição que não correspondia a Silas.

Tudo voltou às escuras. Por alguns dias, os jornais cobraram, mas pela falta de novidades, calaram-se também. A segurança retornava.

— Alô!

— Senhor Silas Castro?

— Sim.

— Precisamos conversar.

— Quem fala?

— Lembra o nosso negócio? O da tela?

— Cale-se, homem! Fale baixo!

— Não se preocupe, estou só.

— O que você quer?

— Cobrar o meu silêncio.

— Qual é... você se saiu bem! Colaborou com os macacos e eles o deixaram em paz.

— É, mas agora sou vigiado como interceptador e sempre posso dar algumas dicas a eles.

— Você também perderia.

— Ora, não vou segurar essa barra sozinho. Tenho que me livrar do processo, afinal comprei a tela roubada e isso é colaborar com roubo. Advogado bom é caro.

— Não vamos tratar disso por telefone.

— Ótimo. Onde?

— Almoçamos no Pinheirão.

— Certo. Ao meio-dia. Sem calote!

Chantagem. Silas não esperava por isso. É o que dá se meter em coisa suja.

— Canalha!

As coisas começaram a complicar. Estava envolvido numa enrascada em que entrara espontaneamente. Impossível retroceder. Pagaria o advogado, era a saída mais fácil.

O outro comeu bem, mas Silas estava tenso.

— Quanto?

— Cinquenta por cento do que lhe paguei.

— Está louco? — falou alto demais e depois olhou para

os lados para ver se alguém tinha notado.

— Sempre posso chamar o tenente Medeiros. Ficaré muito feliz.

Silas estava apavorado e não conseguia fingir.

— Olha que estou sendo modesto e generoso.

— Vá pro inferno!

— Não se descontrole, amigo.

— Amigo é a mãe!...

— Calma. Respire...

— Dou um cheque agora e nunca mais me procure, senão...

— Pare aí! Não me ameace! Cheque não. Eu quero grana, dinheiro vivo. Amanhã ao meio-dia você vai levar à rodoferroviária em uma maleta.

A digestão foi horrível. À tarde, solicitou ao banco que aprontasse a quantia, pois iria buscá-la às onze e meia do dia seguinte. Seu dinheiro reduzia-se à metade, seus sonhos também. Amanhã estaria livre. Recomeçaria.

Carregava atento a maleta repleta. Foi ao ponto combinado. Esperou alguns minutos. O relógio da estação marcava meio-dia e cinco. A espera atormentava, os nervos o consumiam. Brasileiro nunca foi pontual.

O chantagista surgiu por trás de uma coluna, aproximou-se caminhando normalmente. Ambos seguiram lado

a lado para o estacionamento. Silas transferiu a alça para a mão do outro.

— Quietos! Polícia!

Silas estacou, o outro ameaçou correr, mas foi impedido por uma arma que mirava a sua cabeça. Algemados, foram levados à delegacia e interrogados. Negaram tudo, especialmente o chantagista. Silas, pressionado sobre o dinheiro, acabou dizendo que era dele.

— Como você tem tanto dinheiro?

Não suportando o aperto policial, relatou que encontrara a tela e os motivos que o levaram a vendê-la.

Mariana foi surpreendida pela chegada da polícia, ainda mais com Silas que a acompanhava preso. Observaram a sala de artes e constataram que a moldura havia sido mexida. A história de Silas parecia lógica, havia, porém, uma morte que continuava misteriosa e a tentativa de burlar os seguros e a lei.

Antes de sair, o tenente Medeiros recolocou o quadro no local com cuidado, passou depois a mão pela parede ao lado da moldura de modo suave, mas a recolheu bruscamente. Levou a mão à boca, sugou a gotícula de sangue e estremeceu. Um calafrio percorreu a espinha. Deu um passo rumo a duas esculturas, estendeu a mão e acariciou o lobo de porcelana. Não sentiu o toque, os dedos estavam

dormentes. Escorou-se na escrivaninha, esfregou as mãos, os braços, cada vez com maior lentidão. Turvou-se a visão. As pernas amoleceram. Os soldados, Silas e Mariana, acudiram ao vacilo.

— O que há, tenente?

Quis articular, a língua estava anestesiada. Sentia rigidez nos músculos, embora ainda consciente. Ouvia bem, mas não mantinha os olhos abertos, pesavam as pálpebras. Abanaram com as mãos. Mariana correu atrás de água. Silas, algemado o olhava boquiaberto. Dez minutos depois, já estava acomodado no quarto de hóspedes. Médico e ambulância chegaram. Enquanto isso, os soldados faziam massagem cardíaca sem eficiência. Medeiros já não mais se movia, o corpo tenso e o coração fraco, mal se sentia. Quando o socorro pôde iniciar os procedimentos, era tarde, o tenente estava morto.

Ataque cardíaco? Só a necropsia poderia revelar. Os jornais, na manhã seguinte, contavam uma história fantástica: “*Preso o Ladrão do Quadro*”, “*Morte Misteriosa na Mansão Sinistra*”, “*Outra Vítima da Sala Misteriosa*”. O sangue corria pelas páginas dos matutinos e penetrava nas casas, nos escritórios, nas indústrias. Uma trilha de sangue fatal pingava da mão do tenente, vítima heroica do dever, e manchava de dúvida todos os pensamentos.

Silas preso. Embora nada tivesse feito para matar o tenente, a essa altura era suspeito de tudo e alvo da sanha dos policiais. A situação estava trágica. A teoria era de um plano arditosamente armado para eliminar o senhor Sahlem e ficar com a coleção. Julgavam que tivesse conhecimento do testamento, já que havia conquistado a confiança da vítima. Não sabiam, porém, como o senhor Sahlem fora morto, e agora havia uma segunda morte, talvez mais misteriosa, pois ocorreu na frente de várias pessoas, inclusive do suspeito.

Salete comentava com a arrumadeira, consternada e incrédula. Não podia aceitar a versão dos fatos. Silas sempre pareceu honesto e incapaz de traição. É verdade que duvidou dele no início, mas tinha certeza de que eram suspeitas infundadas.

Ramos e Ira foram até a chácara prestar solidariedade para Mariana. Também lamentavam.

— Realmente, não se pode confiar nas pessoas. Quem poderia imaginar?

— Que ingratidão!

Marcelo telefonou, assim como Inácio, oferecendo seus préstimos.



As fotos

Mariana, entre a dúvida e a dor, perdia o apetite.

A morte do pai, ferida que cicatrizava, foi bruscamente agredida e os curativos não estancavam a hemorragia, as lágrimas brotavam abundantes, apesar do consolo dos amigos.

Silas tinha errado, escondendo o quadro, mas também queria proteger os seguros de Mariana. Assim pensando, ela amenizava a culpa do empregado.

Matar é terrível. Planejar um crime é loucura.

Todos eram afáveis com Mariana, até Marcelo ao telefone. A dor aproxima as pessoas. Ela caminhava pela casa, mas evitava a proximidade da sala de artes. Começou a incubar a ideia. A princípio sem importância, depois não lhe saía da cabeça. Tomou coragem e a pôs em prática.

A porta estava apenas encostada, empurrou-a devagar, com receio. Nunca havia entrado ali, era como desvendar um segredo para penetrar na alma de alguém. A emoção tremia as pernas. Pela saleta derramava-se a luz desmaiada do entardecer que entrava sutil pela porta aberta. O amarelo refletia na parede, dando tom morno ao ambiente. O jornal aberto sobre a mesinha mostrava página de crimes: *“Encon-*

trada Tela de Portinari”. Só agora se dava conta de que ele nada comentara. Sofá de cobertura sintética, tevê pequena e uma estante lotada de livros. Lugar apertado. Passou pela porta que leva à cozinha, mais apertada ainda. Utensílios sobre a pia e o fogão. Limpeza não ganhava prêmio. Lixeira abarrotada. À medida em que entrava, sentia-se tensa, haveria alguma armadilha? Temia ser surpreendida, embora soubesse que era impossível. Os segredos e pensamentos dele impregnavam tudo. Cada objeto possuía as vibrações de seu dono e Mariana se sentia observada. Abriu a porta do quarto e sufocou um grito. Na meia penumbra, um rosto conhecido a encarava sorridente. Recuou um passo para certificar-se: era um pôster dela mesma afixado na parede. Respirou aliviada. Onde teria conseguido? Sobre o criado-mudo, uma caixa de fotografias. Olhou.

— Não é possível!

As fotos eram todas dela, ou sozinha ou com algum namorado.

— Esse cara é doido!

E não parava de olhar, viu até a última. Desvendava a intimidade dele e, mesmo rebelando-se contra o que descobria, sentia-se envaidecida, sabia que era querida e isso alimentava o seu ego. Sentou-se sobre a cama e ficou algum tempo pensativa. Deitou-se e pôs-se a observar o pôster. Era

a maneira de tê-la junto dele e de uma forma agradável: sorrindo. Nutria, assim, suas esperanças, diminuindo a solidão.

Silas sempre foi solitário. Trocou a pobreza pela soledade.

No fundo do quarto havia um cofre. Mariana tentou abri-lo, mas não sabia o segredo. Sobre o cofre, um diário. Hesitou em abri-lo: *“1978, 18 de dezembro. Resolvi, finalmente, começar meu diário. Hoje é um dia especial, chegou a garotinha da casa. Como é bonita! Pensei que fosse mais criança, mas já é mocinha. O patrão está muito feliz. Pena que ela me tratou daquele jeito. Mas não faz mal, isso passará. Ela fala esquisito, parece estrangeira”*. Era tudo. O resto, todinho em branco.

De que jeito eu o tratei? Nem me lembro dele. Será que foi ele quem carregou minhas malas? Sei lá. Não tem mais importância.

Mariana retirou-se da casinha de Silas pensativa e lisonjeada. Um ar de satisfação e superioridade cobria suas feições.



As setas do cupido

A polícia designou dois peritos para analisar minuciosamente a sala de artes, a fim de descobrir por qual motivo o tenente morreu.

Essa determinação veio logo após o resultado da necropsia: envenenamento por curare. Silas, algemado, acompanhava a perícia.

O tenente nada bebera ou comera na casa dos Sahlem, menos ainda na sala de artes. Portanto, o envenenamento tinha sido provocado de alguma forma incomum. As pessoas presentes, ao que parece, estavam impossibilitadas de atentar contra a vida do policial Medeiros.

Cuidadosamente moveram tudo de seu lugar, tiraram telas das paredes, escrivatinhas averiguadas, esculturas examinadas e até uma abertura de vinte centímetros com

ar-condicionado, que ficava no alto da parede dos fundos. Exótico, sim; criminoso, nada.

Silas orientava sobre os alarmes e segredos da sala. Subitamente lembrou-se de algo.

— Como não pensei nisso antes?

— O quê?

— Sargento Augusto, quando encontrei a tela desaparecida, atrás da moldura havia um botão estranho que retirei para examinar mais tarde, acabei me envolvendo com outros problemas e esqueci.

— Onde está?

— Em meu cofre, na casinha aí da frente.

— Pois vamos lá.

Os peritos examinaram. Precisavam desmontar. Na central, chamaram um técnico em eletrônica que acabou desvendando o segredo. Era um dispositivo automático de pequena potência que punha em funcionamento algo que estivesse perto, no máximo dez metros, uma espécie de controle remoto. A pilha do pequeno aparelho não tinha mais potência, estava gasta. Era coisa importante. Acionava pelo movimento, leve que fosse.

O próximo passo: aciona o que?

Voltaram à sala de artes.

A essa altura não havia mais dúvida de que as mortes

do senhor Sahlem e de Medeiros tiveram a mesma origem, não se sabia se a mesma razão, o mesmo objetivo.

Iniciaram uma análise comparativa de como e onde encontraram o senhor Sahlem e onde caiu o tenente. Próximo. Quase o mesmo lugar. Mariana lembrou que o tenente passou a mão na parede. Nada encontraram.

Mais uma vez, Silas veio em socorro, aliás, era parte interessadíssima em que se resolvesse o problema, estava em maus lençóis. Contou o episódio da gata. No tapete, rente ao rodapé, encontraram a primeira resposta: uma pontinha metálica minúscula, aproximadamente um quinto de um alfinete comum. Examinaram no laboratório. Tinha sido embebida em curare.

Todo o processo de procura de soluções foi desgastante. Foram dois dias de concentração e esforços, buscando minúcias, agulha em palheiro. Faltavam vários passos: de onde veio a seta? Com que intenção? Quem a preparou?

Sargento Augusto, agora encarregado das investigações, tinha uma teoria: a morte de Medeiros foi acidental, como a da gata. Quanto ao senhor Sahlem, o suspeito era Silas. O motivo? Roubo. Nessa última parte, não casava bem o fato de o suspeito estar colaborando, já que todos os fatos se encaminhavam para provar que ele arquitetara tudo. Tinha acesso ao local, conhecia-o bem, era de confian-

ça, podia esconder o produto do roubo fácil e habilmente, como provavelmente o fez. Então, por que colaborar? Seria inocente ou teria um ás especial na manga?

O terceiro dia de buscas iniciou por volta das nove horas. O sargento mostrou-se determinado a concluir o caso, tinha um plano: procurar na parede oposta à que ocorreu a morte das vítimas. Percorreu duas paredes, havia vários objetos sobre uma caixa retangular que servia de pedestal. Um lobo de porcelana e um anjo em metal eram os maiores. O lobo era inteiriço, enquanto o anjo, montado em cabeça, tronco e membros. Os olhos chamavam a atenção. Os do lobo, maciços e perigosos; os do anjo, singelos e com a menina vazada. Augusto passeava o olhar entre um e outro, como se buscasse um sinal, uma dica qualquer. A ferocidade do lobo o afastava, a ternura do anjo o prendia. Parou nos olhos do anjo, contemplou-os longamente, parecia hipnotizado, nem piscava. Primeiro levou a cabeça, lentamente, para diante, como se estivesse sendo puxado. Franziu as sobrancelhas, enrugou a testa e continuou a aproximação como quem busca ver o invisível. Os outros, soldados, Mariana e Silas, o observavam. Um passo pensado, medido, lento à frente. Uma luz tomava forma. Os olhos abriam-se mais e iluminavam, paulatinamente, o rosto todo. Despregaram-se as rugas, desfez-se a tensão e o semblante tomou

forma abobada, patética, incrédula de quem vê o insondável. Finalmente rasga o silêncio sonora gargalhada.

— Está na cara!

— O que?

— Vejam, está na cara!

Olhava e apontava a cabeça do anjo metálico.

— Como não vi isso antes? Só pode estar aqui.

— Aqui onde e o que? — inquiriu Silas.

— Olhos de anjo são enganadores.

— Ahm??

— Ajude-me a desmontar isso. — pediu a Silas.

— Tire as algemas.

Silas cuidadosamente soltou a cabeça do anjo. Oca. Dentro, um pequeno aparelho preso. Com extremo cuidado, retirou-o.

— Aí está o complemento do disparador eletrônico.

Durante toda a descoberta, Augusto observava as reações de Silas. Viu-o atento, interessado, saboreando também a novidade.

Um pequeno cilindro oco, em que mal passava uma pequena agulha. Uma parte era transparente, contendo poucas gotas de líquido e um dispositivo eletrônico. Analisado no laboratório, revelou várias micro flechas que eram disparadas por impulsos elétricos, passavam pelo líquido

venenoso e se projetavam pelo minúsculo cano. Pequena, sofisticada arma fatal que, com um pouco de sorte, nem marcas deixaria.

Constataram que estava apontada para a moldura onde estivera a tela de Portinari escondida. A gata e o tenente tinham sido vítimas de dardos anteriormente disparados, que o destino pôs em seus caminhos acidentalmente.

Surgiram novas perguntas: por que apontava para a tela sumida? Protegê-la? De quê? De quem? Quem armou? A própria vítima? Mania de segurança? Teria escondido a tela antes de morrer? Por quê? Ou foi Silas, após o roubo e a morte do senhor Sahlem? Talvez até um acidente, ou não?

Embora as coisas começassem a clarear, muito caminho havia a percorrer.





**A água
turva-se
novamente**



O advogado de Silas conseguiu livrá-lo da cadeia, iria aguardar o resultado da investigação em casa.

O rapaz estava temeroso de voltar. A recepção poderia ser desastrosa. Todavia, nem Salete, nem Mariana e nem as domésticas fizeram qualquer comentário; apenas Mariana desviou o olhar constrangida.

Enfurnou-se em seu quarto, sabe-se lá o que fazendo, nem para comer saía. No primeiro dia, todos entenderam, ninguém deu importância; no segundo, Salete e Mariana comentaram o fato; no terceiro...

Ouviu baterem na porta. As batidas vinham de longe. Fez um esforço grande e sentou-se na cama. Tudo girava. Dormira de roupas de sair. Fazia isso há três dias. Escorando-se nas paredes, foi atender. Ao atravessar a saleta, a luz do sol a pino feriu seus olhos. Demorou a acertar o buraco

da fechadura, estava tonto e doía o estômago.

Mariana deu um passo atrás, quando a figura assomou à porta. Barba de dias, cabelos desgrenhados, olhos fundos e vermelhos, cara amarrotada como roupa não passada e forte cheiro de suor e álcool.

Desajeitadamente, o rapaz tentou melhorar a postura. Envergonhou-se diante da moça.

— Esperamos você para o almoço.

Olhou-o dos pés à cabeça, séria; após esboçou uma ameaça de sorriso. Virou-se e rumou para a casa grande.

Silas ficou sem ação. Não disse palavra, só a acompanhou com o olhar pesado e nem cogitou desobedecer ao convite.

A água gelada do banho o acordou de vez. Barbeou-se, vestiu-se bem, até perfume passou e, ainda receoso, dirigiu-se para a sala de refeições. Ao entrar, quatro rostos femininos voltaram-se para a porta. Ao se sentir alvo, constrangeu-se e parou.

— Sente-se! Bom apetite!

Tomou assento ao lado de Salete. Mariana fazia as refeições com as empregadas. Sentia-se muito só e a companhia dessas pessoas simples, com conversas sem compromisso, envolviam-na e assim se distraía.

Mariana e Salete conversavam descontraidamente;

aquela se interessava pelos pratos variados da culinária, enquanto esta envaidecia-se ao comentar sobre eles. Afidões começaram a nascer.

Silas resmungou alguns monossílabos apenas, concordando com um ou outro comentário.

Durante a sobremesa, surgiu a primeira observação atinente à situação do rapaz.

— Silas, sabemos que não tem culpa. Você vendeu o quadro pensando em me proteger. Haverá um jeito de provar que você não deve mais que isso.

Além do mais, o quadro era seu e podia fazer dele o que bem quisesse.

Mariana fitava-o nos olhos, revelava sinceridade. O moço encarou e não percebeu malícia ou segundas intenções. Então, abaixou a cabeça e pediu desculpas pela preocupação que causou trancando-se no quarto e pelos transtornos por não estar presente nas providências necessárias para a manutenção e o conforto doméstico. Levantou-se e se dirigiu, cabisbaixo, para a sala de artes.

O anjo de metal jazia, sem cabeça, sobre o pedestal. Carinhosamente, pôs-se a arrumá-lo, colocou-o em pé e fitou aqueles olhos fatais. Quem diria! Os objetos estavam em desordem: quadros escorados, esculturas fora do lugar e gavetas abertas, poeira acumulada. Pegou o aspirador e

começou a limpeza. Usava luvas, não queria ser surpreendido por alguma seta perdida pelo chão ou pelas paredes. Escrivatinhas, vasos, pinturas... tudo ia voltando ao normal.

Podia novamente apreciar a banhista ruiva de Renoir e o fazia com olhar embevecido. Os tons amarelo-róseos dominavam. Longos cabelos, corpo nu com seios rijos e fartos, rosto pouco além de adolescente com lábios rubros, sensuais. Os lábios sempre o fascinaram: cor do pecado (dizia sua mãe), gosto de amor, como as curvas, ansiedade e vibrações do desejo. Nesse dia, no entanto, alguma coisa não se encaixava. Não era como nas outras vezes, em que viajava pensamento afora, esquecendo o mundo. A tela era fria, sem a emoção costumeira, os lábios não o prendiam, mas o faziam piscar como quem tenta se acostumar com algo novo. De perto, bem perto, o reflexo da água não era o mesmo, nem o brilho da pele tinha a mesma luz.

A mesma sensação ocorria com outras telas. Pensou em suas últimas angústias e sentiu que ele mudara, então as coisas ao redor também se transformaram. Mesmo assim, por hábito de quase perito, resolveu observar melhor. Estranha dúvida se plantou no cérebro. A ideia foi tomando forma. Um detalhe aqui, outro ali, mais um acolá e estava construindo um monstro, terrível dinossauro que inundava a sala. Silas tremia ante a visão. O tiranossauro

abriu as mandíbulas e triturou de vez os sonhos do moço, destruindo as últimas esperanças de colecionador de pinturas importantes: as telas eram falsificadas.

Depois de ter certeza, comunicou o fato a Mariana, que não quis crer. Na mesma tarde, chamou a polícia, desta vez não omitiu informações. A primeira providência foi confirmar o fato. Um especialista trazido por dona Ira ratificou a conclusão de Silas.

— Mas quando foi isso?

— Não faço ideia.

— Nada percebeu antes?

— Não.

— Poderia ser antes da morte do senhor Sahlem?

— Não sei. Antes nada vi de diferente.

— Então foi recente.

— Não! — informou o especialista

— Por quê?

— A tinta já está bem seca. Um ano aproximadamente, inclusive já começa a rachar a tinta. Não creio que alguém tivesse a reprodução pronta há tanto tempo e só agora fizesse a troca.

— Devo entender que tudo foi feito antes da morte do senhor Sahlem?

— Seria a lógica, sargento Augusto. Além disso, são

reproduções perfeitas e só se poderia perceber a troca alguns meses depois, já que a tinta não é de primeira e começaria, como é o caso, a deteriorar-se.

Dona Ira conversava com Silas, tentando consolá-lo da perda.

Com esse novo lado dos fatos, a perícia teve que rever suas teorias e algumas se assentaram melhor.

À noite, apareceu doutor Ramos com ar paternal e consolador. Também parecia crer na inocência de Silas.



The background is a solid, deep red color with a fine, pebbled texture. Three white feathers are scattered across the surface: one in the lower-left quadrant, one in the upper-right quadrant, and one in the middle-right area. The feathers are rendered with soft, naturalistic shading, showing the barbs and the central rachis.

Suicídio



Você deve estar formando sua teoria e, naturalmente, deverá descobrir a verdade antes da polícia. Eu cá observava o narrador e julguei necessária minha intervenção, já que não sei se ele abordaria este ângulo da questão. Você bem sabe que os narradores nem sempre sabem tudo e que devemos desculpá-los, às vezes, pois os detalhes são muitos. Além disso, há os que adquirem personalidade e nunca se sabe o que realmente se passa em suas mentes. Nem todos saem a seu criador. Enfim, você não pode ficar sem os aspectos que vou levantar, caso contrário poderá afetar seu julgamento sobre os fatos.

O senhor Sahlem morreu envenenado, fato um; sumiu sua última aquisição, fato dois; a morte da gata, fato três; encontro e venda da tela desaparecida, fato quatro; prisão de Silas, fato cinco; morte de Medeiros, fato seis; descoberta do anjo, fato sete; finalmente, as famosas telas são falsas, fato oito. Dentre as diversas deduções que se fazem disso tudo, não se pode desprezar duas considerações:

a primeira é que talvez o próprio Sahlem, com todas as manias por segurança, possa ter mandado fazer as cópias e guardado os originais em algum lugar seguro; a segunda, que ele descobriu o roubo e ficou extremamente abalado vendo o trabalho de tantos anos de dedicação ser usurpado e, num momento de desequilíbrio emocional, atentou contra a própria vida.

Você sabiamente diria: mas por qual razão esconder as telas em outro lugar, sendo que ele as tinha tão seguras, com tantos alarmes?

Lembre-se de que nunca se sabe até onde vão as loucuras de cada um. Será tão seguro assim? As telas não foram, acaso, roubadas?

Quanto ao suicídio, é difícil entender o fato de ter escondido o Portinari. Queria deixar um mistério para após a morte? Quem sabe uma armadilha para quem encontrasse a tela? O anjo olhava fixo para a moldura. O plano de vingança? Anjo vingador? Não parece macabro demais? Ele desconfiaria de alguém? Saberria quem era o ladrão?

Sem querer preconizar nada, mas a ideia de suicídio tem algum fundamento. O homem não suportava o futuro genro, vivia sozinho há anos, as duas esposas

morreram inesperada e tragicamente. Vai que tivesse, realmente, descoberto fraude em suas obras de arte. Isso era como se a própria mulher o tivesse traído, pois transferira toda a sua dedicação, atenção e carinho às telas, elas passaram a ser sua outra metade. No desespero, jogara fora o resto.

Estou vendo que não o convenci. Não tem importância, não sou psicólogo mesmo e isso de analisar comportamento não é comigo. Talvez eu mesmo esteja pensando em suicídio, especialmente por ter-me metido nesta enrascada sem saída, assim, o libertado da gana de me matar quando terminar a leitura, isto é, se terminar. Creio que sim, quem aguentou até aqui tem estômago. Aguentará um pouco mais. Aliás, a maioria dos leitores quer saber o fim da história. Há, inclusive, os que primeiro leem o fim; se agradar, engolem o resto. Pena que comem seco, já que o molho é a expectativa.

”

The image features a vibrant red background with a fine, leather-like texture. Scattered across the surface are several white feathers of varying sizes and orientations, creating a sense of lightness and movement. The word "Livre" is printed in a clean, white, serif font in the lower-left quadrant.

Livre

O Teatro Guaíra é um gigante com boca de cristal.

Entra-se em busca do belo, ganha-se de graça o grandioso.

A plateia, língua de fogo deitada placidamente, aplaude generosa os que se agitam no palco, garganta que engole derrotados e vitoriosos.

Salete está deslumbrada. Tantos fatos nas últimas vinte e quatro horas. O Festival Música Viva não a interessa, o próprio teatro a absorve por inteiro. Mariana mostra, comenta; Inácio sorri satisfeito. A vida para os três começa a ter outro sabor.

Naquele domingo, por sugestão de Mariana, conversaram sobre férias, um cruzeiro marítimo.

— Não posso. Não tenho como pagar.

— Ora, Salete, eu posso.

— Não é justo.

— Eu faço questão. Será meu presente de “retorno” ao lar. E você, Inácio, não seja machista e aceite também.

Concordaram em viajar, ficaram de marcar o dia.

Na segunda-feira, Mariana retornou ao quarto do pai. Entre papéis, uma carta a Silas e um bilhete que pedia à filha para morar com Salete, ou então lhe dar uma quantia mensal, se ela preferisse morar no apartamento. Continuou a busca, muito havia a conhecer...

Mais tarde, entregou a carta a Silas.

“Meu rapaz, confio em você. Em tantos anos, tornou-se quase meu filho. Nos últimos dias, fiz uma descoberta terrível e se está lendo isso é porque não pude revelá-la, não por falta de confiança, mas por segurança. Verifiquei atentamente as telas de nossa sala, são falsas. Não se espante, percebi recentemente que havia cópias lá. Alguém está me roubando.

Preparei uma armadilha. Comprei uma tela famosa e vou mostrá-la às pessoas para excitar o ladrão. Fiz uma armadilha fatal, nem você a conhece. É preciso que você saiba para proteger-se. Está no anjo de metal, no olho, e aponta para a moldura de Portinari.

Meu caro Silas, lendo esta carta já sabe que não consegui meu intento, caso contrário, teria sabido tudo por mim”.

Terminava aí a primeira página. O moço estava emocionado com a prova de confiança que o senhor Sahlem depositava nele. Devorou a segunda página e correu para a polícia, estava certo agora de que seria inocentado.

A morte do patrão foi um acidente. Com certeza,

depois de mostrar o quadro a todos de quem desconfiava, mudou a tática e resolveu escondê-lo. Nessa troca de lugar, a armadilha disparou e ele acabou sendo a própria vítima. Já que a tela não foi roubada, essa era a conclusão lógica.

Na noite da festa de maioridade da filha, com os frequentadores da casa reunidos, ele talvez tenha descoberto o ladrão e tivesse desistido de expor sua obra ao roubo e simplesmente a escondeu. Quem sabe o que passava na cabeça dele?! Infelizmente, foi sua última noite e se descobriu o larápio, levou o segredo.



**Golpe
perfeito**

“

*Outra vez peço desculpas pelo narrador que arran-
jei, não imaginei que fosse tão incapaz, aliás, se no
princípio estive desalentado com as personagens,
agora estou decepcionado também com o narrador.
Desculpo-o apenas porque lhe dei tarefa superior às
suas forças.*

*Vejo-me na contingência de tomar as rédeas desta
história e levá-la a bom termo. Mas já nem sei se pos-
so consertá-la. Por isso, passo as informações ao nar-
rador e lhe dou uma última chance de redenção para,
quem sabe, satisfazer as suas expectativas, leitor.*

”

O mar dançava calmo sob o sol intenso. Bailava sobre as águas um gigante navio que, perdido na imensidão, era minúsculo e oscilava como folha ao remanso de um rio.

À beira da piscina, desenvolveu-se interessante diálogo:

- Tolos! Nem sequer imaginam.
- Pois é, amor. E o que faremos com elas?
- Vender, por enquanto, é perigoso.
- Mais um ano ou dois e todos estarão esquecidos.

Vende-se fora do país.

- Ainda bem que calamos o idiota de nosso ajudante.
- Olha, não pensei que seria tão fácil.
- Bastou uma boa ameaça.

— É que ele estava na mira da polícia e não queria se complicar mais.

- Além disso, quem iria crer nele contra nós?
- Você tem razão, esse não preocupa mais. A grana que recebeu ajuda a aplacar a consciência.

Tostavam ao sol, bebiam tranquilos como se nada tivessem feito. É curioso como a consciência é relapsa para uns e exigente para outros. Há os que não dormem se escapou, durante o dia, uma palavrinha ofensiva a alguém. Por outro lado, muitos matam e agem como se tivessem praticado um esporte saudável.

- Aquela noite você estava assustado!
- É que fotografias me deixam nervoso.
- Não devia ter tanta pressa.
- Eu entendo a psicologia, o homem estava desconfiado.
- Poderíamos ter esquecido aquela tela. Está certo

que é valiosa, mas já tínhamos levado dez.

— O problema foi que o Marcelo não conseguiu a foto para a reprodução.

— O imbecil nem sabia a finalidade das fotografias que tirava. Pensava que fosse para livros sobre artes.

— É sempre assim, quem quer se passar por esperto é enganado pelo excesso de confiança.

— Você nunca me contou direito como morreu o velho Sahlem.

— Eu saí cedo da festa, você viu. Parei o carro perto e voltei. Entrei pelos fundos e fui à sala. Como a luz estava acesa, esperei. Meia hora depois ele saiu, pensei que fosse dormir, entrei com a cópia da chave de vidro. Você sabe o quanto foi difícil consegui-la. A surpresa maior me aguardava lá dentro: o quadro não estava mais ali. Eu estava pronto para sair, quando ouvi passos e esperei. A porta se abriu e me escondi debaixo da escrivaninha. Não vi o que ele fazia. Estava difícil aguentar naquela posição, acorçado e torto. Desequilibrei-me um instante e provoquei ruído. Não pude mais ficar ali. Pus a cabeça para fora e vi o ar de espanto no rosto dele. Nada falou. Virou-se para a parede, enroscou-se numa moldura e voltou a me olhar, abrindo demasiadamente as pálpebras. Levou a mão direita à nuca, tremeu, escorrou-se na escrivaninha e caiu. Pensei que tivesse desmaia-

do, mas ao me aproximar, vi que se mexia. Ataque cardíaco certamente. Não pensei em ajudar, até desejei que fosse, porque, senão, como explicar o fato de estar lá dentro?

— Você levou sorte, isto é, nós.

— Tranquei a porta e fui sem olhar para trás. Mas vamos agora usufruir dessa sorte.

A conversa se alongava, entremeada de pausas para aproveitar o calor. Mergulharam. Ele saiu logo, enxugou-se e se afastou da piscina. Ela permaneceu na água. De dentro, a imagem parecia distante, ia e vinha. Sacudiu a cabeça para ver melhor. Era fundo, não dava pé ali. Tentou braçada. O corpo não obedeceu. Quis gritar, uma golfada de água calou-a, respirar não pôde. Para tossir, estava sem forças. Afundou sem debater-se, os músculos não reagiam aos impulsos da mente. No pânico, engoliu água. No fundo, tudo era azul. Entregou-se ao delírio e perdeu a consciência.

Na superfície, alguém gritou agudo. Agrupou gente. Quem estava na água saiu. Um herói saltou. Tarde.

— Quem viu? — perguntou o capitão.

Ninguém percebeu o momento, parecia normal.

— Quem a conhece?

— É minha mulher. Casamos na semana passada. — falava resignado.

— Sinto muito. O senhor não estava por perto?

— Afastei-me um instante. Fui até o bar.

— Ela sabia nadar?

— Naturalmente. Nadávamos instantes antes.

— Permita, senhor, que o médico de bordo faça um exame no cadáver. Amanhã faremos o sepultamento no mar, se não se opõe. Estamos a três dias da costa.

— Certamente, capitão.

— Não se preocupe, tomaremos todas as providências e por favor aceite os pêsames de toda a tripulação, isso nunca aconteceu em meu navio.

As pessoas o olhavam consternadas e ofereciam seus préstimos, consolando-o pela perda. Foi levado à cabine onde ficou só finalmente.

Então? Estava bom o drinque? Você pensou mesmo que eu iria dividir com você essa fortuna toda, dona Iracema de Oliveira Ramos?

Epílogo



— Segundo o que está escrito, não pode ter sido você o criminoso.

— É como lhe disse, sargento, foi acidente. — E reconstituiu a possível cena.

— Se encontrarmos as provas de que fala a carta, creio que daremos por encerrado o caso. A não ser por um porém.

— Qual?

— O Portinari que o senhor vendeu.

— Mas a tela é realmente minha, o testamento...

— Não esqueça que quis dar um golpe no seguro.

— Mas isso já está resolvido e não há queixa nenhuma registrada contra mim.

— Isso é verdade.

— Vamos então atrás das provas.

— Onde disse que estão?

— Nos cofres de segurança do banco.

— A ordem judicial já tenho. Vamos!?

No banco, fizeram objeções, mas cederam ante a ordem do juiz. O cofre de segurança é uma sala muito

bem guardada, com circuito de tevê para controle. Silas, Augusto, o gerente e uma testemunha dirigiram-se ao armário.

— A chave? — inquiriu o gerente.

— Aqui.

Era a mesma da sala de artes.

Combinaram as duas, a de Silas com a do gerente e introduziram-nas, simultaneamente, uma no alto e outra embaixo. Giraram. Cedeu. Um metro de altura por quarenta centímetros de profundidade. Havia vários tubos grossos lotando o cofre.

— Deve ser isso.

Silas tomou um com cuidado, tirou o tampão de uma ponta do tubo e puxou devagar o conteúdo. Desenrolou. À medida que a imagem se formava em sua retina, um sorriso de satisfação aflorava em sua face. Até o sargento respirou aliviado. As telas estavam a salvo.

O senhor Sahlem havia, há cinco anos, mandado fazer cópias de suas telas por um perito. O trabalho ficou tão perfeito que ele resolveu guardar as verdadeiras. Assim, as cópias é que foram roubadas e os ladrões nem perceberam a diferença.



O narrador já desempenhou seu papel, posso eliminá-lo de vez, enfim, a história terminou.

Quem esperava um casamento e um “viveram felizes para sempre”, talvez esteja decepcionado. Peço, porém, que tenha paciência, pois agora, os três irmãos viajam pelo Mediterrâneo, enquanto Silas toma conta de tudo por aqui. Quem sabe na volta... Que três irmãos? Salete, Inácio e Mariana. Como? Uma carta do Sr. Sahlem esclareceu tudo. Mas isso já é outro romance.

Há um fato, contudo, de que eu duvido ainda: será que Ramos não matou mesmo o Sr. Sahlem? Quem elimina tão friamente a comparsa e esposa não se livraria também de seu antagonista? Afinal, temos apenas a palavra dele de que foi acidente. A quem você julga?

Se está resmungando que não poderia ser o dr. Ramos um bandido tão cruel, que não há justificativas físicas, razões psicológicas para ser o vilão, isso é um problema seu. Eu criei as personagens e faço delas o

que quiser; além disso, conhecemos tão pouco sobre a natureza humana que não me arriscaria a um julgamento de quem quer que fosse. Os fatos estão aí, a história é essa e, se não gostou de ler, faça o inverso.

”



Título O anjo fatal
Formato 16 x 23 cm
Tipografia Degular Text | Kepler Std
Licença CC BY-NC-ND

EDUTFPR

Este livro, produzido pela EDUTFPR, é financiado com recurso público, que visa à ampla e democrática disseminação do conhecimento. Esta edição promove o ODS 4 Educação de Qualidade, que assegura a educação inclusiva, equitativa e de qualidade e promove oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Além disso, é favorável à preservação de árvores e diminuição da pegada de carbono global.

Curitiba
2021
Feito no Brasil
Made in Brazil

Mistério, roubo, morte na mansão Sahlem. O sumiço de obras de arte mesclado aos problemas de uma jovem em busca de si mesma e de seu espaço. O que a perda do pai pode desencadear em seu cotidiano? O percurso de um moço simples do interior rumo a sua independência. O destino e seus meandros associados a segredos do passado. As intrigas veladas na mente de cada um dos agentes dessa narrativa de suspense.

Um pouco de tudo isso está presente em *O Anjo Fatal*, obra que convida quem lê a ser detetive, a perseguir pistas, a tropeçar em becos sem saída e a chegar a um desenlace que pode pôr em xeque a certeza da amizade mais consistente.

A aventura dessa leitura breve e envolvente certamente não deixará leitoras e leitores na mão.